



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

HANNA SANDY DE OLIVEIRA

**O BIBLIÓFILO E A CIDADE: RELAÇÕES ENTRE A BIBLIOFILIA E A MEMÓRIA
DE FORTALEZA**

FORTALEZA

2018

HANNA SANDY DE OLIVEIRA

O BIBLIÓFILO E A CIDADE: RELAÇÕES ENTRE A BIBLIOFILIA E A MEMÓRIA DE
FORTALEZA

Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia da Universidade Federal
do Ceará, como requisito à obtenção do
grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Lídia Eugênia
Cavalcante.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

O48b OLIVEIRA, Hanna Sandy de.

O bibliófilo e a cidade: relações entre a bibliofilia e a memória de Fortaleza / Hanna Sandy de Oliveira. - 2018.

104 f. : il. ; color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2018.

Orientação: Prof^ª. Dra. Lidia Eugênia Cavalcante.

1. Bibliofilia. 2. Memória. 3. Livros. 4. Cidade. 5. Fortaleza. I. Título.

CDD 090.1

HANNA SANDY DE OLIVEIRA

O BIBLIÓFILO E A CIDADE: RELAÇÕES ENTRE A BIBLIOFILIA E A MEMÓRIA DE
FORTALEZA

Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia da Universidade Federal
do Ceará, como requisito à obtenção do
grau de bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr. Lidia Eugênia Cavalcante (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Juliana Buse de Oliveira Rémy (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ma. Laiana Ferreira de Sousa (Suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha mãe e meus avós.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Virzângela por todo o suporte, apoio e confiança em todos os momentos, e por ser a maior inspiração da minha vida. Nada disso seria possível sem a senhora e todos os sacrifícios que foram feitos. Muito obrigada por me inspirar diariamente a ser uma melhor pessoa, filha e aluna. Apesar de todas as dificuldades da vida a senhora está sempre me ajudando, sendo positiva e me lembrando que é possível e que vai dar tudo certo. Basta seguir em frente e não escutar a ninguém que tente me dizer que eu não sou capaz. Espero que este seja apenas o primeiro passo de muitos e que algum dia eu seja nem que seja um terço da mulher que senhora é.

Aos meus avós Célia e Astolfo pela inspiração diária e por serem, também, meus pais desde o início de minha vida. Obrigada por todo o auxílio, em particular desde o meu início no curso, pois basicamente me mudei para a casa dos senhores. Agradeço ao meu avô por ter me ensinado a ter amor à leitura e ao livro como o objeto tão maravilhoso que é, por me apoiar e estar sempre disposto a me ajudar não importa a hora e o motivo e por acreditar em mim desde que eu era pequena e escrevia histórias sem sentido no jardim de infância. Agradeço à minha avó por ser minha segunda mãe, minha companheira, pelas histórias contadas à noite, pelo apoio constante durante a escola e a faculdade, por acreditar em mim mesmo em meus piores momentos e pelo exemplo diário.

À minha irmã Lais, meu anjo, minha companheira e melhor amiga desde o dia em que nasceu. Obrigada por ser essa irmã maravilhosa, a pessoa mais esforçada e inteligente que conheço. Por aguentar minhas mensagens intermináveis, minhas queixas, minhas loucuras. Obrigada pelo constante apoio durante a minha graduação e saiba que estou aqui durante a sua, mesmo não entendendo absolutamente nada de saúde.

À minha irmã mais nova e bebê da família – apesar de ter quase a minha altura – Laila, agradeço pela companhia e ajuda, mesmo que ela venha pelo preço de doces e elogios. Mal posso esperar para ver você crescer mais ainda e seguir a sua carreira acadêmica desejada.

À minha orientadora, Prof^a Dra. Lídia Eugenia Cavalcante, pelo apoio, suporte e por ser uma inspiração sem tamanho para mim desde o primeiro semestre do curso. Aos professores Dr. Jefferson Veras, Dra. Juliana Buse e Ma. Laiana

Ferreira de Sousa por aceitarem fazer parte da banca examinadora.

Aos meus queridos colegas de curso, em particular minha companheira de bolsa e estágio (e sofrimento durante a monografia) Anizia Almeida. Obrigada por sempre estar disposta a responder minhas dúvidas, minhas preocupações e por me ajudar a manter foco durante essa graduação. Aos meus queridíssimos amigos desde o primeiro semestre, Yngrid Lohanne e Jonnathan Veras, companheiros de muitos trabalhos (e rodízios!), obrigada por me manterem relativamente sã durante essa jornada e por serem algumas das melhores pessoas que já tive a felicidade de conhecer.

Agradeço também aos participantes desta pesquisa: a bibliotecária Madalena da Academia Cearense de Letras por ter nos recebido com muito bom humor e disposição e cujo auxílio nos últimos momentos desta pesquisa fizeram que tudo 'clicasse' pra mim; meu padrasto por ter me acompanhado em minhas pesquisas de campo; a bibliotecária do Instituto Histórico por ter me recebido desde os trabalhos da profa. Lídia no primeiro semestre e ter conversado comigo sobre suas coleções de livros raros tanto pessoalmente como por e-mails; ao professor Diatahy e ao senhor Nirez pela gentileza em responder ao meu grande questionário e ter feito com que este trabalho fosse finalmente realizado.

À memória que o livro transmite [...] acrescenta-se a memória da qual emana, enquanto coisa física, o perfume da história de que ele está impregnado.

Umberto Eco

RESUMO

O bibliófilo é, além de colecionador, um pesquisador e historiador. Possui conhecimento do livro, a sua história, como e quando foi feito, por quem e para quê. É capaz de ver nas entrelinhas reflexos de épocas passadas. Situada nesse contexto, temos a Associação Brasileira de Bibliófilos (ABBi), fundada em 1985 e com sede na cidade de Fortaleza. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo principal identificar e analisar a relação entre a bibliofilia e a memória da cidade de Fortaleza. Para tanto, foram escolhidos como objetivos específicos estudar os conceitos de memória e bibliofilia, assim como suas inter-relações; pesquisar as organizações de bibliófilos de Fortaleza, mapeando a comunidade de bibliófilos e traçando um perfil da mesma, e finalmente verificar se há relação entre os bibliófilos e a memória de uma cidade. Através de pesquisa bibliográfica, apresentamos, no decorrer deste estudo, os conceitos de memória sob a perspectiva de Halbwachs e seus estudos sobre memória individual e memória coletiva. Tratamos também dos lugares de memória, apresentando a cidade como lugar de memória. Traz, por fim, a possibilidade da memória dos lugares através dos livros, mediante registro de memórias orais e em livros de ficção, questionando a literatura como meio de retratar um contexto social, época e tempo. Apresenta, em seguida, os conceitos de bibliofilia, de sua possível origem e as diferentes conotações que o termo carregou ao longo dos séculos, assim como aspectos da bibliofilia e uma ilustração da mesma através da figura de José Mindlin, grande bibliófilo brasileiro. Conceitua raridade e sua relação com o colecionismo de livros. Além da pesquisa bibliográfica, realizamos a pesquisa de campo, através da aplicação de questionário e entrevista como instrumentos de coleta de dados com os sujeitos da pesquisa: um bibliófilo, um livreiro e um colecionador. Os resultados deste estudo apontaram que o bibliófilo possui relação com a memória de Fortaleza em três distintos sentidos: como colecionador de livros, estudioso da história e conteúdo desses livros, e escritor e propagador dos conhecimentos adquiridos.

Palavras-chave: Bibliofilia. Memória. Livros. Cidade.

ABSTRACT

A bibliophile is not only a collector, but a researcher and historian. They have vast knowledge about the book, its history, how and when it was made, by whom and what for. They are capable of reading in between the lines reflections of times past. The city of Fortaleza is home to the Associação Brasileira de Bibliófilos - ABBi (Brazilian Bibliophile Association - BBA), founded in 1985, however, the study of bibliophilia in the city is still rare and of low propagation. In this context, the present work has as its main objective to identify and analyze the relationship between bibliophilia and the memory of Fortaleza. Therefore, the following specific objectives were chosen: to study the concepts of memory and bibliophilia and its interrelations; to research bibliophile organizations in Fortaleza, mapping its bibliophile community and tracing their profile in order to verify if there really is any relationship between bibliophiles and the memory of a city. Showcases a bibliographic research about the concepts of memory under the perspective of Halbwachs and his studies on individual memory and collective memory. Also mentions places of memory, presenting the idea of a city as a place of memory. Brings, also the possibility of the memory of places through books, through the registry of oral memories and fiction books, question literature as a way to portray a social context, an era and time. Showcases next the concepts of bibliophilia and its possible origins and the different meanings that the term has carried throughout the centuries, and also some aspects of bibliophilia and an illustration of it through the history of José Mindlin, a famous Brazilian bibliophile. Also conceptualizes rarity and its relationship with book collecting. For the completion of this research it was realized a field research and the use of interviews and a questionnaire for data collecting, applied to the subjects of this research: a bibliophile, a book seller and a collector. From the data analysis it was possible to conclude that a bibliophile does have a relationship with the memory of the city of Fortaleza in three different meanings: as a keeper of books, as a researcher of the history and content of these books and as a writer and propagator of his acquired knowledge.

Keywords: Bibliophilia. Memory. Books. City.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Estrutura externa de uma encadernação medieval	40
Figura 2	–	Exemplo de encadernação a la fanfare	41
Figura 3	–	Ex libris de Luiz Gonzaga Curio	42
Figura 4	–	Guita e José Mindlin, 1989	50
Figura 5	–	Logo da ABBi	64
Figura 6	–	Primeiro volume da revista Scriptorium	90
Figura 7	–	Livro Exame de Bombeiros, impresso em c. 1748	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACL	Academia Cearense de Letras
ABBi	Associação Brasileira de Bibliófilos
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
UNIFOR	Universidade de Fortaleza

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	MEMÓRIA E CIDADE	21
2.1	Memória individual e memória coletiva	21
2.2	Lugares de memória	25
2.2.1	<i>A cidade como lugar de memória</i>	26
2.3	A memória dos lugares através dos livros	29
3	BIBLIOFILIA: AMOR E DEDICAÇÃO AOS LIVROS	35
3.1	Conceitos e aspectos	36
3.2	Bibliofilia no Brasil	42
3.3	José Mindlin: o grande bibliófilo	46
3.4	Raridade e colecionismo de livros	51
4	O BIBLIÓFILO E A MEMÓRIA DA CIDADE: TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS E RELATOS DE PESQUISA DE CAMPO	57
4.1	A aproximação com o objeto estudado	59
4.2	Os percalços da pesquisa: as dificuldades em entrevistar bibliófilos	62
4.3	Os sujeitos pesquisados	66
4.3.1	<i>O (não) bibliófilo</i>	67
4.3.2	<i>O livreiro</i>	75
4.3.3	<i>O colecionador</i>	82
4.4	A bibliofilia e a memória de Fortaleza	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
	REFERÊNCIAS	96
	APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	100
	APÊNDICE B –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	102

1 INTRODUÇÃO

A memória de uma cidade pode ser encontrada na fala de seus velhos. No livro *Les cadres sociaux de la mémoire* (1925), Maurice Halbwachs, sociólogo francês, explica que historicamente o velho, mais que o adulto, se interessa pelo passado e que cabe a ele “a obrigação de lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1987, p. 24). Halbwachs cita como exemplo tribos primitivas, onde o velho exerce sua função social de “guardião das tradições” (HALBWACHS *apud* BOSI, 1987, p. 23). Trazendo para uma perspectiva mais atual, é possível observar que, enquanto tal papel não cabe apenas aos velhos, é neles que recordações sem o filtro rigoroso da história podem ser encontradas. E, como escreve Ítalo Calvino (1990, p. 14) na obra *As Cidades Invisíveis* (1972), “a cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata”.

Podemos utilizar o caso da cidade de Jaguaribara, hoje conhecida como Nova Jaguaribara, como exemplo para ilustrar esta afirmação. A cidade precisou deslocar-se para dar lugar à Barragem Castanhão, projeto hidráulico que visava melhorar os problemas de água do Estado do Ceará (SALINAS, 2014, p. 1). Hoje, a identidade da Velha Jaguaribara, que foi submersa durante a construção da barragem, pode ser encontrada na Casa da Memória, fundada em 1988 pelos moradores da cidade, que possui em seu acervo objetos e recordações dos moradores mais antigos. Trata-se de uma “memória voltada para a ação, uma memória militante, inconformada, que narra a história construída antes do Castanhão” (NASCIMENTO; SILVA, 2011, p. 7).

O caso de Jaguaribara ilustra não apenas a importância do relato de velhos para preservação da história de um local, mas também a necessidade de um lugar de memória em uma cidade. Pierre Nora (1993, p. 21) traz o conceito de lugares de memória como “lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico, funcional” onde “mesmo um lugar de aparência puramente material, como

um depósito de arquivos, só é lugar de memória se sua imaginação o investe de uma aura simbólica”. A ideia de símbolo permite que o conceito de lugar de memória possa ser aplicado não apenas a instituições como museus e arquivos, mas também à cidade em um todo, entretanto, utilizaremos inicialmente das instituições de memória padrão para fundamentar a discussão.

Vivemos em uma era de avanços tecnológicos constantes e comunicação instantânea, que permite que informações se tornem obsoletas rapidamente. A partir disso, supõe-se que não há tempo para o antigo, o velho. Podemos, entretanto, utilizar desta mesma afirmação para presumir que essa rapidez da globalização e seu constante fluxo de informações, nos convida a parar e buscar no passado a nossa identidade, posto que são “nos momentos de ruptura da continuidade histórica que as atenções tendem a se direcionar mais para a memória” (ABREU, 1999, p. 78).

Em Fortaleza, podemos facilmente encontrar lugares de memória em bairros mais históricos, onde resquícios da transformação urbana que ocorreu na cidade a partir da segunda metade do século XIX ainda podem ser observados, apesar da demora em sua preservação, que só passou a ser efetivada nos anos 60. Além de bens tombados, como o Palácio da Luz, Passeio Público e Theatro José de Alencar, podemos citar instituições como o Museu do Ceará, Instituto Histórico do Ceará e Museu das Secas como locais que guardam em seus acervos certos períodos da história da cidade e do Estado.

Além do museu e do arquivo, a biblioteca é também “lugar da memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico. [...] É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação [...]” (JACOB, 2008, p. 9). Em Fortaleza, além de bibliotecas de maior porte como a Biblioteca Pública Estadual Governador Menezes Pimentel ou a Biblioteca do Instituto do Ceará, acervos menores, particulares, também se encarregam de preservar a história da cidade,

como o acervo de Guilherme Studart (BATISTA, 2014). Muito se pesquisa sobre bibliotecas públicas e seu papel na sociedade, entretanto o estudo de bibliotecas particulares é mais complexo, devido às particularidades de cada coleção, que muitas vezes refletem o perfil de seu organizador. Conforme salienta Darnton (1995, p.152), “o estudo das bibliotecas particulares tem a vantagem de ligar o ‘quê’ com o ‘quem’ da leitura”. No Brasil, assim como em muitos outros países, grandes bibliotecas formaram-se tendo como base coleções particulares. “Foram os Mazarin, os Grenville, os Barbosa Machado que, legando ou vendendo seus livros à nação, enriqueceram o patrimônio nacional” (MORAES, 1975, p. 12). Ou seja, foram aqueles que esta pesquisa procura investigar, um dos “quem”: o bibliófilo.

No livro de ensaios *A Memória Vegetal* (2010), Umberto Eco conceitua bibliofilia como o “amor ao objeto livro mas também à sua história” (ECO, 2010, p. 37), apontando a distinção entre o colecionador de livros, o amante de livros e o bibliomaníaco. O último, segundo Eco, foca apenas no livro como objeto, e não busca compartilhá-lo com a sociedade, nem ao menos “separam as páginas para violar o objeto conquistado” (2010, p. 35). Para Eco, o bibliófilo não apenas valoriza o livro por sua aparência estética e seu valor histórico e literário, como eventualmente doa seu acervo para que seja disponibilizado a uma audiência maior, geralmente em bibliotecas públicas. Ao ler os escritos de bibliófilos como Umberto Eco ou os brasileiros Rubens Borba de Moraes e José Mindlin, é possível observar que o interesse deles pelo livro vai além da construção de uma biblioteca particular invejável. O bibliófilo não é apenas um colecionador, mas também pesquisador e historiador. Ele conhece o livro, a história de como foi feito, por quem, para quê e onde. É capaz de ver nas marginálias, no frontispício, na tipografia e nas entrelinhas, reflexos de épocas passadas.

A cidade de Fortaleza abriga a Associação Brasileira de Bibliófilos (ABBi), fundada em 1985 (REIFSCHNEIDER, 2011), entretanto o estudo da bibliofilia na

cidade é de baixa divulgação. A ABBi possui uma revista intitulada *Scriptorium*, cuja publicação iniciou-se em 2009 (REIFSCHNEIDER, 2011), trazendo depoimentos pessoais de bibliófilos e outros colecionadores sobre suas relações com os livros, a leitura e o colecionismo. São relatos relevantes que merecem ser investigados, pois fazem parte da cultura e identidade da cidade, mas seguem privados, restritos a uma menor audiência.

Coleções particulares são eventualmente doadas ou vendidas após a morte de seus donos, como por exemplo a coleção de Eurico Facó que passou a fazer parte do Instituto do Ceará (REIFSCHNEIDER, 2011), entretanto suas histórias e recordações fazem-se tão significativas quanto suas bibliotecas. Cabe a eles também a função social de guarda de tradições, tal qual os velhos de Halbwachs. A partir da reconstituição da memória individual faz-se a construção da memória coletiva, a memória da cidade.

Desse modo, a partir dessas discussões sobre a memória da cidade, lugares de memória e bibliofilia, a pesquisa parte do seguinte questionamento: como se dá a relação do bibliófilo e a memória de uma cidade? Utilizando-se da cidade de Fortaleza como delimitação geográfica, a pesquisa visa investigar sua comunidade de bibliófilos.

A escolha da temática ocorreu por diversos fatores, principalmente de natureza pessoal. Ao pensar no assunto e buscar suas raízes em minha¹ vida vem à mente antes de tudo meu avô – escritor, amante dos livros e livreiro – figura de grande inspiração quando se trata da leitura. Desde muito cedo tinha o costume de visitar-nos quase que semanalmente, trazendo consigo chocolates e uma história para contar. Dessas visitas às vezes voltávamos, minha irmã e eu, com ele para sua casa, onde por sua vez minha avó nos contava histórias para dormir. As palavras eram sempre as mesmas, assim como o tom e a melodia utilizados por minha avó,

1 Aqui passo a fala para a primeira pessoa, pois trago narrativas relacionadas à aproximação pessoal com o objeto estudado.

mas, ainda assim, era imperativo que as histórias tivessem seu início e seu fim. De histórias orais, passei a receber histórias em quadrinhos todos os domingos como incentivo para ir à missa. Não sabia ler ainda e não me contentava em apenas olhar as figuras, pedia que lessem para mim (e a família sentiu-se aliviada quando finalmente aprendi a ler).

Lembro que minha relação com livros mudou, ou poderia dizer evoluiu, quando aos seis anos ganhei de presente meu primeiro livro sem figuras. A partir disso, da leitura de um livro que aos meus seis anos não compreendia bem, mas amava mesmo assim, veio a consolidação do livro como não apenas fonte de prazer, mas também companhia. Não ia para lugar algum sem levar um livro, razão pela qual tantas de minhas memórias organizam-se em minha mente com base nos livros que lia na época, como uma forma de instrumento mnemônico.

A vontade de possuir os livros que tanto amava desde a infância me levou a comprar livros usados em sebos, iniciando o meu interesse pelas memórias que um livro guarda, não apenas em sua escrita, mas em seus grifos, anotações, dedicatórias, bilhetes de trens que hoje não mais existem e tantas outras marcas de leitura e de uso. Compartilho do sentimento de Umberto Eco, que relata muitas vezes folhear um de seus livros raros repleto de anotações, de modo a “reviver a aventura intelectual de quem o assinalou com o próprio testemunho manual” (ECO, 2010, p. 37).

Pouco antes de meu ingresso na Universidade Federal do Ceará, meu avô passou de vendedor de livros no Bosque do Centro de Humanidades II, a dono de sebo na internet. A casa de meus avós, aos poucos, transformou-se em um considerável acervo particular. Já no curso de Biblioteconomia, passei a morar nessa casa devido à proximidade, e assim pude e posso observar de perto o crescimento do acervo do meu avô, como também sua alegria em encontrar um livro raro ou em conseguir o restauro de uma bela encadernação original, situações que,

lendo depoimentos de bibliófilos consagrados como Eco e José Mindlin, são comuns entre os bibliófilos.

A partir disso, da minha convivência com leitores, colecionadores, amantes do livro, assim como minha relação pessoal com este objeto, surgiu o interesse no assunto. Da mesma forma, vem meu interesse na memória, devido ao modo que a minha se faz tão entrelaçada nos livros que li. A junção de memória e bibliofilia parte também da influência de meu avô, pois sempre que estamos juntos, dirigindo pelos locais mais históricos de Fortaleza, ele conta fatos interessantes sobre as ruas, os prédios e suas ilustres figuras, com base em seu conhecimento de escritores, livros e seus donos.

A memória de uma cidade abrange conceitos de documento, cultura, preservação e informação, que merecem ser estudados mais frequentemente pelo viés da Biblioteconomia. Vale ressaltar que temos percebido que o interesse pela memória da cidade de Fortaleza não se encontra apenas em ambientes acadêmicos, verificamos isso também nos moradores. Grupos de redes sociais como o Facebook tornam explícito esse interesse, podendo-se utilizar como exemplo o grupo “Fortaleza Antiga”, que hoje conta com milhares de membros ativos que postam suas lembranças, fatos e fotos da cidade, ajudando a preservar e compartilhar sua história com gerações diversas.

O estudo da bibliofilia no Brasil é seletivo, poucas fontes podem ser encontradas, muitas resumidas a monografias, dissertações e teses. Quando se estuda o assunto, ora procura-se realizar um mapa da bibliofilia no país, resgatando as origens de bibliotecas particulares durante o império, ora busca-se fazer uma lista de bibliófilos conhecidos pelo país. Estuda-se também o bibliófilo como guardador e preservador do livro raro, conseqüentemente auxiliando na preservação da história. Entretanto, há ainda a necessidade de pesquisar a relação entre o bibliófilo e a memória, não apenas devido às suas coleções, mas por suas experiências, estudos,

leituras, recordações e percepções. Estudando a bibliografia sobre bibliófilos é possível perceber que esta é ainda muito restrita. São informações geradas por um grupo para si próprio, não havendo ainda um diálogo mais abrangente. Acredito ser necessário, também, ouvir os bibliófilos que nem ao menos sabem que assim o são, que possuem coleções menores, às vezes de livros que podem não obedecer aos critérios de raridade, mas são essenciais para a memória de nossa cidade.

Considerando esse contexto, o presente trabalho teve como objetivo geral identificar e analisar a relação entre a bibliofilia e a memória de Fortaleza, e como objetivos específicos: estudar os conceitos de memória e bibliofilia e suas inter-relações; pesquisar as organizações de bibliófilos de Fortaleza; mapear e traçar perfil da comunidade de bibliófilos de Fortaleza; verificar se há relação entre os bibliófilos e a preservação da memória da cidade.

Para tanto, esta pesquisa teve como natureza abordagem qualitativa e como universo empírico da cidade de Fortaleza. Os entrevistados foram selecionados através do sistema de redes, tendo como critério serem bibliófilos. Foram também realizadas pesquisa exploratória e bibliográfica, assim como estudo de caso. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram o questionário e a entrevista semiestruturada.

Esta pesquisa está dividida em seis capítulos, sendo o primeiro uma introdução ao estudo, onde é apresentado o problema de pesquisa, sua justificativa, objetivos e estrutura do trabalho. O segundo capítulo apresenta os conceitos de memória individual e coletiva, lugares de memória, cidade e a memória dos lugares através dos livros. O terceiro capítulo apresenta os conceitos e aspectos da bibliofilia em geral e no Brasil, trazendo como ilustração o bibliófilo brasileiro José Mindlin, assim como conceitos de raridade e colecionismo. No quarto capítulo é apresentada a metodologia utilizada, a aproximação com o objeto de pesquisa, os percalços e as dificuldades encontradas ao longo do trabalho. Apresenta os dados coletados e

comentários e análise dos mesmos, com base nos conceitos vistos nos capítulos anteriores. É feita uma relação da bibliofilia e a memória de Fortaleza com base na revista *Scriptorium*. Por fim, no quinto e último capítulo, apresentamos a conclusão e comentários finais acerca da pesquisa.

2 MEMÓRIA E CIDADE

Por meio de bibliófilos e suas bibliotecas particulares, diversas obras de diferentes períodos puderam chegar até a modernidade com suas ricas informações intactas. Através dessas obras, é possível reconstituir a memória dessas épocas, seja por meio do seu conteúdo, o tipo de encadernação e das folhas utilizadas, ou até mesmo informações acerca do autor e do contexto histórico em que vivia.

Desse modo, tendo como objeto de estudo o bibliófilo e buscando compreendê-lo como possível agente de preservação da memória de seu espaço, este capítulo apresenta reflexão teórica acerca do conceito de memória, tendo como foco a perspectiva social. Em seguida, relaciona-se a memória com o espaço, por meio do conceito de lugar de memória e o possível sobre a memória dos lugares através dos livros.

2.1 Memória individual e memória coletiva

O conceito de memória possui diferentes concepções, dependendo do contexto em que está sendo aplicado. Le Goff (2008, p. 419) descreve a memória em seu conceito básico como “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Dessa forma, o estudo da memória é interdisciplinar, passando por áreas como por exemplo a Psicologia, Biologia e Sociologia. Na área da História, a memória está relacionada em especial com a função de conservar acontecimentos do passado de um determinado local ou povo através da oralidade e escrita, resultando na produção de documentos históricos. Apesar de seu caráter seletivo, a memória tornou-se, ao longo dos tempos, inseparável da História, mesmo que ambas não possam ser confundidas. Como aponta Nora (1993), a memória dita e a história escreve.

Estudando a memória em sua perspectiva de fenômeno social, Maurice Halbwachs, filósofo e sociólogo francês, identifica em *A Memória Coletiva* (1950) duas memórias distintas, uma interior e pessoal e uma exterior e social (HALBWACHS, 1993). A memória interna de uma pessoa se apoia na memória social e depende do meio em que esse indivíduo vive, das relações que forma ao longo da vida e da sua cultura. Memória, então, está intrinsecamente relacionada ao lugar e ao intersubjetivo. Desse modo, trata-se de uma memória coletiva, posto que é compartilhada. Porém, antes de estudar a memória coletiva, cabe conceituar memória individual e a relação que ambas possuem entre si.

A ideia geral é que a memória é algo muito pessoal, isolado dos outros. Apesar de sua característica subjetiva, a memória individual se faz inexoravelmente no coletivo, mesmo sendo simultaneamente particular ao indivíduo. Trata-se das lembranças de um sujeito em que ao observar um fato, guardá-lo e, eventualmente, relatá-lo, mesmo que apenas em sua mente, suas próprias inferências nele estão contidas. A evocação de uma lembrança requer de certo modo uma re-contação do evento, seja considerada por um ponto de vista diferente, uma situação social diferente ou um contexto histórico diferente. É “99% construção e 1% evocação verdadeira”, como explica Désiré Roustan (*apud* HALBWACHS, 1990, p. 37). A percepção individual é permeada de influências, visto que para sua realização são utilizadas ferramentas construídas no meio social, por exemplo a própria linguagem. Essas lembranças são, portanto, “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 1990, p. 71).

A memória coletiva, por sua vez, compreende a memória de um grupo assim como a dos indivíduos nele presentes. Halbwachs (1990) enfatiza a importância do grupo, da sociedade, da família, das relações e afetividades que influenciam na

construção e preservação dessa memória coletiva, assim como seu caráter de transformação constante, posto que assim como esses grupos podem se desfazer lentamente, a memória neles contida também pode se dissipar. Isso ocorre quando os membros individuais, geralmente os mais velhos, se isolam ou desaparecem desses grupos:

[...] uma vez que a memória e uma sociedade se esgota lentamente, sobre as bordas que assinalam seus limites, à medida em que seus membros individuais, sobretudo os mais velhos, desapareçam ou se isolem, ela não cessa de se transformar, e o grupo ele próprio, muda sem cessar. (HALBWACHS, 1990, p. 84).

Assim, é difícil determinar o momento que uma memória coletiva desaparece, ou até mesmo se ela de fato deixa a consciência dos indivíduos do grupo, pois “basta que se conserve numa parte limitada do corpo social, para que possamos encontrá-la sempre ali” (HALBWACHS, 1990, p. 84).

Um elemento crucial para a construção da memória coletiva é o espaço. Indivíduos e seus grupos ocupam o espaço e por ele são influenciados, em seus pensamentos e percepções. Da mesma forma, por meio das relações que os grupos mantêm entre si e o seu meio, esse espaço é modificado. Halbwachs (1990) afirma que a memória coletiva se desenvolve em um quadro espacial, posto que o espaço é algo que dura, se faz concreto, mais do que meras impressões:

É sobre o espaço, sobre o nosso espaço - aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Apesar de ser concreto, o espaço pode e é transformado, pois, como dito anteriormente, ele muda de acordo com as relações entre os grupos que o ocupam. Isso muito ocorre em cidades, onde suas características podem estar sempre evoluindo, entretanto, a sua base está lá, o espaço não deixa de existir. A transformação do espaço ocorre também através das diferentes relações que os

indivíduos mantêm com o meio. Halbwachs (1990, p. 143) destaca, a importância da conservação desse espaço, pois “é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças”.

O caráter transformativo da memória coletiva citado anteriormente enfatiza a importância da tradução da memória coletiva em memória histórica uma vez que, como destaca Halbwachs (1990), a memória de uma sociedade é estendida até onde se atinge a memória coletiva dos grupos pelas quais ela se compõe. Desse modo, quando os grupos que formavam a memória social desaparecem, a reconstituição desta memória se faz importante. Esta preservação resulta na memória histórica.

Halbwachs (1990) enfatiza a diferença de ambas, apesar de sua relação, uma vez que a memória é viva, de contínuo pensamento e retém do passado apenas o que é capaz de sobreviver na consciência do grupo que presentemente a mantém. Por conseguinte, a troca de gerações causa perdas à memória daquela época, quando não registradas:

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. (HALBWACHS, 1990, p. 80-81).

O registro das memórias coletivas de uma sociedade pode aplicar-se a dois tipos de materiais, os quais Le Goff (2008, p. 525) denomina materiais da memória: documentos, escolhidos por historiadores, e monumentos, heranças do passado. Através desses registros, as memórias coletivas se eternizam, não ficando restritas apenas aos membros dos grupos nas quais se formou. Esses documentos preservam a memória da sociedade e de seu espaço, de modo que são comumente preservados em lugares especiais: os lugares de memória.

2.2 Lugares de memória

O fenômeno que Pierre Nora (1993, p. 15) identifica em seu texto *Entre Memória e História* (1984) como a “materialização da memória” cresce nos momentos de ruptura, momentos em que a sociedade tende a voltar-se para a sua história, procurando sua identidade e, de certo modo, uma estabilidade. Sendo assim, os lugares de memória surgem a partir do sentimento de que não é possível apenas uma memória espontânea posto que, como colocado anteriormente por Halbwachs, esta memória que é viva desaparece quando o grupo ou indivíduo desaparece.

É, para tanto, que se faz necessária a criação de arquivos, a manutenção de datas e eventos comemorativos, celebrações, entre outros, pois, como põe o autor, “estas operações não são naturais” (Nora, 1993, p. 13), não poderão conservar-se sozinhas sem o suporte do ritual. Desse modo, pode-se dizer que lugares de memória são os espaços nos quais a memória pode se manter e que possuem a capacidade de evocar lembranças.

Nora (1993, p. 21) em sua explicação de lugar de memória enfatiza a importância da palavra “lugar” apresentar seus três sentidos, material, simbólico e funcional, uma vez que:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se sua imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula [...], só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio [...] é ao mesmo tempo recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre.

Assim, os lugares de memória são compostos do necessário para que indivíduo, com suas memórias particulares, procure reclamar a sua própria história (NORA, 1993). Em seu sentido material, esses lugares são normalmente

identificados como instituições de memória, como por exemplo arquivos, museus e bibliotecas, lugares nos quais documentos que guardam a memória histórica de um determinado local ou povo são preservados. São nesses locais que a memória coletiva se encontra materializada.

Entretanto, através das características de um lugar de memória apontadas por Nora, é possível inferir que outros ambientes podem ser um lugar de memória, não apenas as instituições que são mais comumente conhecidas. Tendo conhecimento da importância do espaço para a construção e manutenção da memória, assim como a necessidade de um lugar material e simbólico para a conservação da mesma, é possível inferir que uma cidade pode também vir a ser considerada um lugar de memória, uma vez que é um ponto em comum que os indivíduos e seus grupos sociais possuem entre si.

2.2.1 A cidade como lugar de memória

Bachelard, filósofo francês, escreve em seu ensaio *A Poética do Espaço* (1957) que “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 1978, p. 200). Para o autor, a casa serve como uma representação da alma o indivíduo, uma vez que:

[...] a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. [...] O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contigências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. [...] É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. (BACHELARD, 1978, p. 201).

É possível utilizar a escrita de Bachelard para inferir que a casa é um lugar de memória, uma vez que ela possui as características apontadas por Nora. Estando

dentro de uma casa e observando seus diferentes objetos como retratos, cartas, quadros, móveis, entre outros, a evocação de memórias torna-se possível. Uma casa está sempre repleta delas. Ainda utilizando com a noção de casa para Bachelard, podemos fazer uma analogia com a cidade, considerando a cidade como uma extensão da casa, como um berço para o indivíduo.

Na definição da palavra, segundo o dicionário Houaiss (2001) uma cidade é uma:

aglomeração humana de certa importância, localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, próximas entre si, destinadas à moradia e/ou a atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e a outras não relacionadas com a exploração direta do solo.

Uma definição clara, entretanto, o conceito de cidade naturalmente passou por transformações ao longo do tempo, uma vez que não há apenas uma cidade, todas possuem suas devidas características e adjetivos. Apesar disto, o conceito de cidade geralmente agrega palavras como aglomeração, urbanismo, economia e cidadania.

Como exposto anteriormente, Halbwachs (1990) enfatiza que não é possível uma memória coletiva que não se desenvolva dentro de um quadro espacial, do mesmo modo que Nora (1993, p. 9) destaca que “a memória se enraíza no concreto, no espaço”. Dessa forma, a cidade possui um papel muito relevante para a concepção da memória: sua estrutura e patrimônio permitem que os indivíduos que nela vivem mantenham a sua identidade e possam reviver suas lembranças. Do mesmo modo que ao estar em uma casa, com todos os seus objetos simbólicos e seus rituais, lembranças são conjuradas, os diferentes espaços da cidade também têm essa capacidade de evocação.

O geógrafo Maurício de Almeida Abreu em seu trabalho *Sobre a memória das cidades* (1998) utiliza os conceitos de memória coletiva de Halbwachs para entender as relações de memória de uma cidade e se a mesma pode ser recuperada. De

acordo com Abreu (1998, p. 86), “a vivência da cidade dá origem a inúmeras memórias coletivas, que podem ser bastante distintas umas das outras, mas que têm como ponto comum a aderência à essa mesma cidade”. Na sua perspectiva, a recuperação total da memória coletiva de uma cidade é impossível, entretanto o resgate de algumas dessas memórias é não apenas possível, como urgente, uma vez que devido ao seu caráter dinâmico, essas memórias tendem a se dissipar à medida que os grupos que a mantêm desaparecem. Abreu (1998, p. 87) argumenta então que:

É através da recuperação das memórias coletivas que sobraram do passado (estejam elas materializadas no espaço ou em documentos), e da preocupação constante em registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade [...] que poderemos resgatar muito do passado, eternizar o presente e garantir às gerações futuras um lastro de memória importante para a sua identidade.

Abreu distingue a ‘memória urbana’ da ‘memória da cidade’. A primeira é caracterizada como “estoque de lembranças do modo de vida urbano per si, sem obrigação de relacioná-las a uma base material particular, a um lugar específico” (ABREU, 1998, p. 89), enquanto que a segunda “referencia obrigatoriamente essas mesmas lembranças a uma base material precisa, a um determinado lugar” (idem, p. 89). Para o autor, a história faz um trabalho impreciso na reconstituição da memória de uma cidade, pois recupera sua memória urbana, e não a memória da cidade: “recupera o tempo mas perde o lugar” (idem, p. 89).

Na visão do autor, há ainda, na discussão sobre memória das cidades, o problema da perda da individualidade que “ocorre porque o que se recuperou na análise foi apenas a dimensão universal dos lugares. Não se conseguiu recuperar simultaneamente o seu par dialético, que é a dimensão singular” (ABREU, 1998, p. 89). Em seu ponto de vista, isso ocorre devido à história não ter a capacidade de “recuperar aquilo que é fundamental na constituição de qualquer lembrança, de qualquer memória de cidade, que é a sua individualidade” (ABREU, 1998, p. 90).

Atenta, entretanto, ao erro de se ater apenas às singularidades do espaço e esquecer-se de contextualizá-lo em relação aos outros lugares (ABREU, 1998). Para tanto, é importante que história e memória andem juntas.

A memória desses lugares, então, deve ser reconstituída, porém, através de quais fontes? Instituições de memória como museus, institutos históricos, arquivos e bibliotecas são muito utilizadas por pesquisadores, bem como a utilização de ferramentas como a oralidade também se faz cada vez mais comum. Outra possível fonte é a literatura. Antes do surgimento da literatura como conhecida hoje, na Antiguidade, havia a *poiesis*, ou seja, a poesia. Poetas épicos como Homero e Virgílio contavam a história de seu tempo e seu espaço através de epopeias. Muito foi inferido historicamente com base nesses escritos, de forma que alguns pesquisadores acreditam ser válido “adotar uma postura que veja, na literatura, uma forma de pensar a história” (PESAVENTO, 2002, p. 12).

2.3 A memória dos lugares através dos livros

Nora (1993, p. 28) escreveu que “a memória com efeito, só conheceu duas formas de legitimidade: histórica ou literária”. A memória oral, por exemplo, relaciona-se com a literatura uma vez que narrativas e lendas é uma presença constante nas sociedades. Idosos contam aos seus netos histórias de sua infância, histórias estas que lhes foram contadas por seus avós, e assim por diante. Dos contos de fadas adaptados aos causos e folclore, há muito da narrativa literária na transmissão da memória por meio da oralidade. No texto *Setentrião* (1972), o memorialista Pedro Nava escreve:

A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho — porque só este sabe que existiu em

determinada ocasião o indivíduo cujo conhecimento pessoal não valia nada, mas cuja evocação é uma esmagadora oportunidade poética. [...] E com o evocado vem o mistério das associações trazendo a rua, as casas antigas, outros jardins, outros homens, fatos pretéritos, toda a camada da vida de que o vizinho era parte inseparável e que também renasce quando ele revive — porque um e outro são condições recíprocas. (NAVA, 2012, p. 40).

Memórias orais podem ser registradas em livros memorialísticos, como os de Nava onde, além da autoanálise e do comentário sobre o que se passou pelo viés do presente, é realizada a reconstrução de espaços e tempos que há muito foram transformados. O escritor cearense Gustavo Barroso, por exemplo, retrata com maestria em sua trilogia de Memórias, a cidade de Fortaleza do início do século XX, *Coração de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1941) e *Consulado da China* (1941), descrevendo, além das interações sociais da época, o urbano.

Essas memórias podem ser também representadas na ficção, na qual autores apresentam suas perspectivas do espaço em que nasceram e que conhecem como ninguém por meio de personagens imaginários e diferentes pontos de vista. Poucas pessoas narram seu tempo como os escritores. Na cidade de Fortaleza, autores como Adolfo Caminha, Raquel de Queiroz, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales, Oliveira Paiva, José de Alencar e Domingos Olímpio, assim como os mais contemporâneos Herman Lima, Mário Linhares e Moreira Campos, retrataram a Cidade do seu tempo e buscaram resgatar a cidade de tempos passados. José de Alencar, por exemplo, citado por Marco (2009, p. 107) tinha como seu objetivo:

[...] escrever a História presente e passada do Brasil, na linguagem que lhe oferecia o Romantismo. Por isso seus romances podem ser vistos como ensaios (no lato senso da palavra), como tateios, como procura de uma maneira adequada para capturar a diversidade de cada momento de nossa vida..

Assim como José de Alencar, Oliveira Paiva, em seu primeiro romance, *A Afilhada* (1889), descreve a Fortaleza da época em uma tentativa de entender a cidade por meio de leituras sociais, a observando como um organismo em constante processo de transformação, o que remete à escrita de Halbwachs, exemplificado no

segundo parágrafo de sua obra no qual ele descreve Fortaleza como uma "florescente cidade" que se comparava a uma "semente fermentando" (PAIVA, 1993, p. 164). A respeito da descrição da cidade, observemos a narrativa a seguir:

Um casinhas novas começavam a delinear a praça, agrupadas espaçadamente, com o amarelo do ocre, ou o escuro do roxo-terra, ou o alvo da cal. Um proprietário mais poderoso sungava a frente aos 22 palmos da marca da Câmara, e deixava o resto em meia-água. Ao fundo, onde o terreno descia para um açude, as habitações, por trás daqueles matos vivificados de maio, punham o queixo acima da seara de erva, e de algumas se não via senão o topete. Com aquele cinzento baço e fofo do corpo dos avestruzes, as casas de palha, com a frente em empena, insistiam pelo meio da futura praça, e fora dos alinhamentos das ruas que começavam a desprender-se; e por essas choupanas arruinadas podia-se tirar a olho o rumo das estradas antigas e extintas. Soutos de pau-ferro cobriam terrenos devolutos, capoeiras de antigos roçados; e um roxo lácteo florescia como enxames de mariposas, por miríades, nos jurubebais. As cercas de faxina, as caiçaras, onde o melão trepava, alinhavam-se, toucadas de filó verde, e com o cinzento de casca de pau. O ar denunciava a pancada dos pilões, o canto dos galos, o latir da canzoada, o gritar dos meninos, naquele viver promíscuo e semi-selvagem. Pela frente do edifício passava o empedramento, que um pouco adiante morria na estrada de areia, artéria dos roceiros da Aldeota e do Rio Cocó, por cerca de duas léguas ao Sudeste. (PAIVA, 1993, p. 209-210).

Da mesma forma, quem não se lembra da Fortaleza de Adolfo Caminha? No clássico *A Normalista* (1893) o autor retrata com riqueza a cidade pelo ponto de vista de seus personagens tão terrivelmente humanos, tornando-os muito próximos ao leitor, em especial devido à escolha de Caminha de utilizar uma linguagem menos romântica e mais realista à época. Tomemos como exemplo as observações que o personagem Zuza faz ao estudar Fortaleza através de um binóculo:

[...] enquanto o vapor singrava em direção ao Mucuripe, começou a examinar a costa cearense, como se nunca a tivesse visto de fora, da tolda de um navio. Viu passar diante de seus olhos arregalados todo o litoral da Fortaleza, desde o farol de Mucuripe até a ponta dos Arpoadores... Primeiro o farol, lá muito ao longe, esbranquiçado, cor de areia, ereto, batido pelos ventos; depois a extensa faixa de areia que se desdobra em ziguezague até à cidade; a praia alvacentas e rendilhada de espumas. [...] Noutro plano, coqueiros maltratados pelo rigor do sol, erguendo-se da areia movediça que os ameaçava soterrar, uns já enterrados até a fronde, outros inclinados, prestes a desabar; o torreão dos judeus Boris, imitando a torre de um castelo medieval, cinzento e esguio; o seminário, por trás no alto da Prainha, com as suas torres triangulares; as torres vetustas e enegrecidas da Sé; o Passeio Público, com os seus três planos em escadarias; a S. C. de Misericórdia, branca, no alto; o Gasômetro; a Cadeia; e, por ali afora, o arraial Moura Brasil, invadido pelo mar, reduzido a um montão de casebres

trepados uns sobre os outros... (CAMINHA, 1893, p. 216-217).

Ainda sobre a relação dos livros e a memória, Eco (2010, p. 15) escreve:

Os livros existem desde antes da imprensa, embora no início tivessem a forma de um rolo e só aos poucos tenham ficado cada vez mais semelhantes ao objeto que conhecemos. O livro, sob qualquer forma, permitiu que a escrita se personalizasse: representava uma porção de memória, até coletiva, mas selecionada segundo uma perspectiva pessoal. [...] Diante do livro [...] procuramos uma pessoa, um modo individual de ver as coisas. Não procuramos apenas decifrar, mas também interpretar um pensamento, uma intenção. Em busca de uma intenção, interroga-se um texto, do qual se podem até fazer leituras diferentes.

A partir disso, fica o questionamento: até que ponto a literatura é capaz de retratar um contexto social, uma época, um tempo? Observa-se que é possível contar a história e a memória de um espaço, ou partes delas, por meio deste gênero literário. História e poesia, como exposto ao final da seção anterior, possuem uma relação desde sua origem. O filósofo e poeta Aristóteles comenta a diferença entre poesia e história no livro *Poética* (2003, p. 115):

Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa [...] - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder.

Observa-se, então, que o debate entre história e literatura é algo que ocorre há bastante tempo, desde a Antiguidade. Este assunto vem ao encontro do trabalho de Sandra Jatahy Pesavento onde, na obra *O Imaginário da Cidade* (1999), dialoga com a literatura e história como representações plausíveis do passado. Segundo a autora, a perspectiva de “concepção da história como narrativa” (PESAVENTO, 2002, p. 12) é relativamente recente, havendo um surgimento maior de discussões acerca do assunto a partir da década de 70, entretanto existe contestação acerca da terminologia:

Chartier afirma que a expressão usada por Lawrence Stone de retorno da narrativa é, em si, malposta, pois a história sempre foi uma forma narrativa, desde que tomemos em conta a noção aristotélica da narrativa, como a da

articulação de um enredo de ações representadas. (PESAVENTO, 2002, p. 12).

No ponto de vista de Pesavento, o discurso histórico é também uma forma de ficção, uma vez que engloba o imaginário e critérios de escolha e seleção do enredo por parte do historiador para representar o passado. Do mesmo modo que o historiador realiza pesquisas em diversas fontes históricas para recriar o passado, o escritor de literatura também elabora uma narrativa que poderia ocorrer, e ambos possuem a capacidade de levar o leitor a uma diferente época da sua atual (PESAVENTO, 2002).

Dessa forma, como muitos autores contaram a história de sua cidade e povo por meio da literatura, o resgate dessas representações literárias torna-se válido. Como afirma Pesavento (2002, p. 13), a “literatura tem, ao longo do tempo, produzido representações sobre o urbano, que traduzem não só as transformações do espaço como as sensibilidades e sociabilidades dos seus agentes”. Essas representações contribuem para a recuperação e interpretação das configurações do espaço.

Sobre a importância dos pontos de vistas dos autores, Pesavento ecoa o questionamento de Philippe Hamon (1994):

[...] haveria uma visão literária da cidade distinta da visão do arquiteto, do pintor, do higienista, do fotógrafo, do político? Em princípio, seríamos tentados a responder que sim, pois cada um carrega consigo o seu ‘capital’ neste ato de ‘ver’ e ‘narrar’ a cidade, constituído de suas habilitações específicas e cargas de sensibilidade próximas, mas são todos olhares que se cruzam em torno da mesma concretude da urbe. As representações da cidade, construídas por cada um desses leitores, é que estabelecerão distâncias e aproximações, perguntas e respostas umas às outras, como num jogo de espelhos. (PESAVENTO, 2002, p. 18).

Para Pesavento, a mera leitura do espaço urbano tal qual está representado na cidade no presente não é precisa uma vez que as cidades modernas passam por uma “pasteurização” (PESAVENTO, 2002, p. 18) de seu espaço, realizando uma substituição do velho pelo novo, muitas vezes tornando a cidade mais padronizada e

menos pessoal. Cabe, então, buscar diferentes perspectivas em outras fontes, como em relatos orais ou através da literatura.

Desse modo, trazendo essa perspectiva para o objeto deste estudo, é possível relacionar o que foi exposto com a possibilidade da reconstituição da memória através do livro por meio de seu conteúdo, assim como o livro como objeto inserido em determinado contexto histórico.

O bibliófilo, por meio de seus acervos particulares e conhecimento aprofundado dos objetos de suas coleções, possui considerável conhecimento e informações acerca das memórias de seu espaço. Antes de argumentar acerca disso, entretanto, faz-se necessário definir com maior precisão o que é a bibliofilia e quem são esses bibliófilos. Este assunto será tratado no capítulo a seguir.

3 BIBLIOFILIA: AMOR E DEDICAÇÃO AOS LIVROS

A história do livro representa, também, a história social e cultural da comunicação, mais especificamente da comunicação impressa, uma vez que através dela é possível analisar e buscar entender as formas que as vias impressas ampliaram a transmissão de ideias – entre pessoas, cidades, países – e como tal evento afetou o pensamento e comportamento da humanidade (DARNTON, 1990). Alguns historiadores buscam pesquisar livros anteriores à invenção dos tipos móveis, outros buscam livros mais simples que refletiam os gostos e a história de leitores comuns. Não importa a linha de pesquisa, o livro é um objeto essencial para o estudo do ser humano e seu lugar no mundo, pois “assim como não se pode pensar em locomoção sem fazer referências a máquinas, não se pode tratar de conhecimento sem os livros” (REIFSCHNEIDER, 2011, p. 31).

Desse modo, desde sua origem na forma de manuscritos à sua impressão em massa e popularização, o livro sempre inspirou fascínio e dedicação – uma paixão não apenas pelo ato de ler, mas de possuir e admirar: “o livro exerce uma atração multiforme, que vai muito além da leitura, embora esta seja um ponto de partida fundamental” (MINDLIN, 1997, p. 15). Não é surpreendente, então, que tal fascínio tenha recebido um nome: *bibliofilia*. Comumente, entende-se o bibliófilo como um amante dos livros, um colecionador. Amante de sua história, importância, raridade e conteúdo. Com o auxílio de bibliófilos ao redor do mundo, parte da história mundial pôde ser preservada em acervos particulares e, posteriormente, compartilhada para a sociedade em bibliotecas e museus.

A partir das noções de memória e preservação, relacionadas ao livro e a leitura, discutidas no capítulo anterior, faz-se necessário conhecer de forma um

pouco mais aprofundada a bibliofilia e o bibliófilo, objeto desta pesquisa. Neste capítulo, serão abordados os conceitos e aspectos da bibliofilia, das suas primeiras aparições na história à definições mais utilizadas pelos próprios bibliófilos. É comentada também a bibliofilia no Brasil, tendo como ilustração o famoso bibliófilo José Mindlin. A seguir são apresentados, os conceitos e critérios de raridade, bem como sua relação ao colecionismo de livros.

3.1 Aspectos conceituais e sócio históricos

A ideia de bibliofilia – ou de uma paixão pelos livros – é antiga, apesar de seu conceito mudar através dos anos, de acordo com os diferentes estudiosos e bibliófilos que procuram defini-lo. É possível encontrar a bibliofilia em escritos da Antiguidade Clássica, como o texto *O colecionador de livros ignorante* de Luciano de Samósata, publicado no século II, no qual o autor ironiza um colecionador que busca remediar sua ignorância através de sua grande coleção de livros (REIFSCHNEIDER, 2011).

Reflexões comuns a um bibliófilo de hoje, como a importância da qualidade das obras no momento de sua escolha, podem ser encontradas ainda mais anteriormente, no século I, na obra de Sêneca (REIFSCHNEIDER, 2011). Posteriormente, antecedendo à imprensa de Gutenberg, durante a era medieval, Ricardo de Bury escreveu a obra intitulada *Philobiblion*, publicada em 1345, que consiste em diversos ensaios sobre o objeto livro, seu valor e sua posse, assim como as “guerras sangrentas por cópias de exemplares” (REIFSCHNEIDER, 2011, p. 69). De Bury (1903) explica a escolha do título, a palavra grega *philobiblion*, por

tratar-se de uma obra, principalmente, sobre o amor aos livros.

Em 1862, o historiador inglês, John Hill Burton (*apud* BASBANES, 2012, p. 20, tradução nossa) escreve sobre o que ele intitula uma peculiar “disposição por possuir livros”, apontando como a ambição desta classe de indivíduos encontrar valor onde aparentemente não há nenhum. Para Burton (*apud* BASBANES, 2012), trata-se de uma habilidade e sutileza que é desenvolvida ao longo dos anos permitindo que a pessoa consiga encontrar algo de valor, ou que tenha a potencialidade de tornar-se valioso, no meio de pilhas de papéis e coisas. O historiador aponta, ainda, como tal peculiar disposição é benéfica para a sociedade, uma vez que salva livros da aniquilação e propicia a criação de grandes coleções (BURTON *apud* BASBANES, 2012).

A partir deste breve histórico, com apenas algumas das aparições da bibliofilia através dos séculos, podemos ver como ela se faz presente há muito tempo, sendo talvez tão antiga quanto o próprio livro. Entretanto, é importante apresentar algumas definições, uma vez que, apesar de aspectos da bibliofilia serem identificados em textos como o de Sêneca, eles não representam tudo o que é reconhecido como bibliofilia hoje.

Etimologicamente, o bibliófilo é um “amigo dos livros” (REIFSCHNEIDER, 2011, p. 70), vindo das palavras gregas *biblion* (livros) e *filia* (amizade). Como mencionado anteriormente, trata-se, principalmente, de um amor aos livros. Entretanto, nem todo amante de livros é um bibliófilo, assim como nem todo colecionador também o é. O escritor e bibliófilo Umberto Eco (2010, p. 36) define a bibliofilia como “o amor ao objeto livro mas também à sua história”, apesar de o autor apontar que não há exatamente a necessidade deste amor, estender-se ao

conteúdo dos livros. O bibliófilo é alguém que, “ainda que atento ao conteúdo, quer o objeto, e que este seja, se possível, o primeiro saído das prensas do tipógrafo” (ECO, 2010, p. 35).

Um colecionador, seja de selos ou livros, busca ter foco em sua coleção e adquirir o maior número possível de peças para seu acervo. Alguns colecionam diferentes edições de um livro, outros focam em um único autor. Entretanto, como explica Eco (2010), enquanto que um colecionador busca completar sua coleção, o bibliófilo espera que esta nunca esteja completa, que haja sempre algo a se procurar. O bibliófilo é, então, um colecionador, amigo e amante dos livros que estuda sua história e sua relevância, fazendo o possível para obtê-los e guardá-los.

Nas palavras de José Mindlin (1997, p. 15) uma breve descrição das fases da bibliofilia, aquilo que o bibliófilo intitula uma “loucura mansa”:

Em primeiro lugar, existe sempre a ilusão de que se vai conseguir ler mais do que na realidade consegue. Depois vem o desejo de ter à mão o maior número possível de obras de um autor de quem se gosta - já é o começo de uma coleção. Conseguindo o conjunto, que sempre se quer o mais completo possível, surge o interesse pelas primeiras edições, geralmente raras, e a atração pelo livro como objeto, e também como objeto de arte, em que entra a qualidade do projeto gráfico, a ilustração, a diagramação, o papel, a tipografia, a encadernação; e aí já surge a busca da raridade. Quando se chega a esse estágio, aquele que pensava em ser na vida apenas um leitor metódico, está irremediavelmente perdido.

O relato de Mindlin ocorre com boa parte dos bibliófilos. Seu despertar na leitura é diverso, alguns iniciando-se na infância, como Mindlin, outros tendo origem a partir de atividade profissional ou estudo, entretanto a alegria de encontrar os livros procurados e de alimentar sua coleção é quase universal.

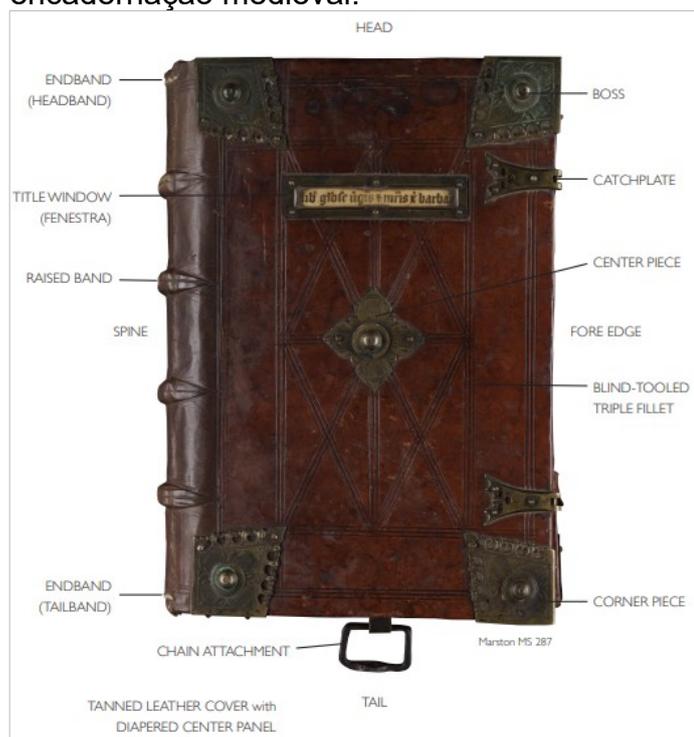
Reifschneider (2011, p. 29) classifica a bibliofilia em três categorias:

[...] como *hobby* (profissionais liberais, industriais), como consequência dos estudos (professores e pesquisadores – em ambos os casos, o *cacoethes collegendi* pode ser fator pré-existente), vertentes que, mais

frequentemente, encontram-se no meio do caminho. Há, também, um nível patológico, que nada traz de enriquecedor: o acúmulo compulsivo, desordenado, sem critérios, que trataremos por bibliomania.

A bibliofilia envolve, também, diferentes formas de arte, como por exemplo a arte da encadernação, aspecto importante para todo bibliófilo e amante de livros. A encadernação é, acima de tudo, uma forma de conservação preventiva, tendo como sua principal função proteger o miolo do livro (MÁRSICO, 2010). A partir do século IV, as encadernações passaram a ser mais desenvolvidas, com livros sagrados procurando em sua rica e luxuosa encadernação a valorização da palavra divina neles contida (idem, 2010). Desde então, diferentes eras da encadernação surgiram ao longo dos séculos, como por exemplo a encadernação bizantina (séculos IV a VI), encadernações ricas, com capas feitas de placas de marfim ou cobre e prata e incrustadas de pedras preciosas, ouro ou pinturas de pigmentos coloridos (idem, 2010) ou a encadernação medieval que surge na Idade Média, realizada com capas de madeira ou de couro, cantoneiras de metal, ornamentadas com folhas de ouro, uma técnica denominada douração (idem, 2010), ilustrada na figura 1 a seguir.

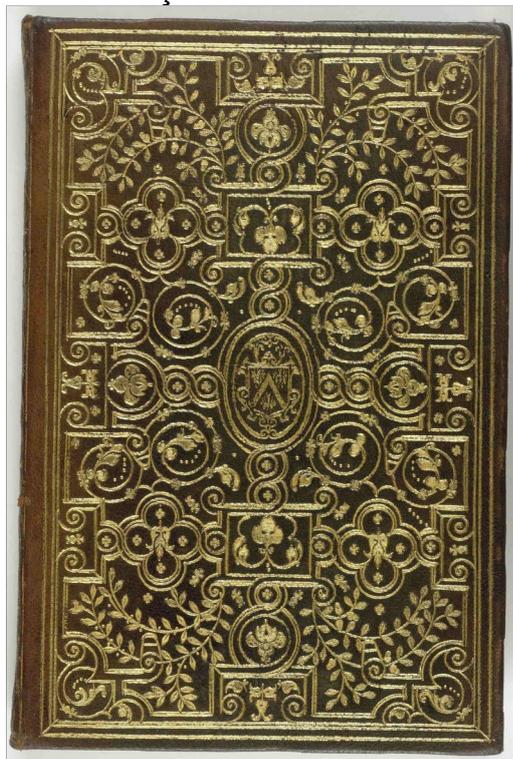
FIGURA 1 – Estrutura externa de uma encadernação medieval.



Fonte: Departamento de Preservação da Biblioteca da Universidade de Yale, 2013.

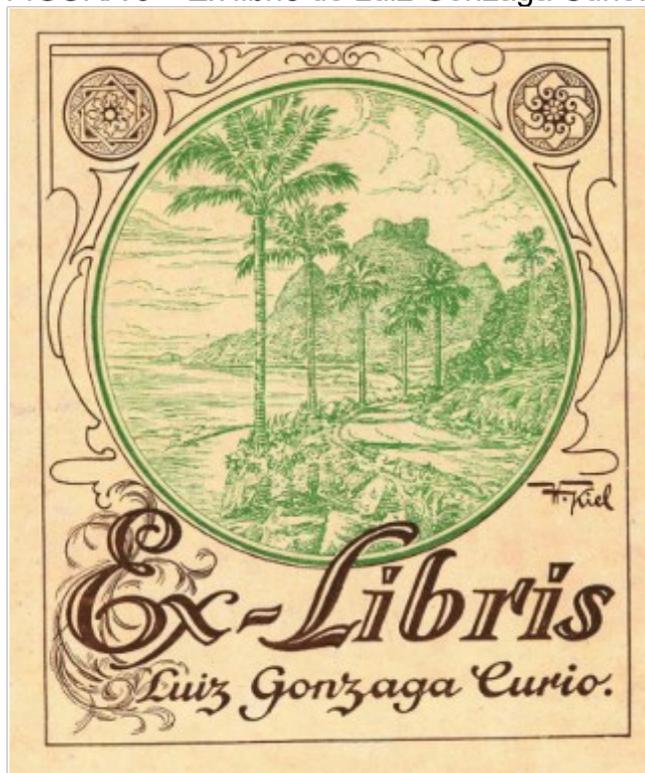
Diferentes estilos de encadernação também são encontrados ao longo dos séculos e em variados países, como o estilo Aldino (século XV), denominação dada às encadernações do italiano Aldo Pio Manuzio, que caracterizavam-se "pelo emprego, na sua decoração, de folhas estilizadas terminadas em espiral, filetes a seco, retos e curvos, entrelaçando-se a flores no centro e nos cantos" (FARIA; PERICÃO *apud* MÁRSICO, 2010, p. 9) ou o estilo Fanfare (XVI-XVII), mostrado na figura 2, termo criado pelo escritor e bibliófilo francês Charles Nodier que "consistia em linhas curvas que representavam flores, folhas, ramos espiralados que cobriam a capa por inteiro, dando a obra encadernada uma composição harmônica e requintada" (MÁRSICO, 2010, p. 14). Tais características são relevantes para bibliófilos pois, além de representar a data das obras, elas também adicionam status de obra de arte para os livros, tornando-os mais atraentes para colecionadores.

FIGURA 2 – Exemplo de encadernação a la fanfare.



Fonte: Banco de Dados de Encadernações da Biblioteca Nacional do Reino Unido, 2008.

Outro aspecto importante da bibliofilia é o *ex libris* (figura 3), palavra que vem do latim significando ‘dos livros de’ ou ‘pertencentes a’, sendo então uma forma de assinatura do proprietário daquele livro (BEZERRA, 2006). Tem-se registrado um dos primeiros usos do *ex libris* em seu sentido comum de etiqueta de propriedade no ano de 1188 na Alemanha, onde foram encontrados livros com a figura de Frederico I, da Baviera em sua biblioteca pessoal (BEZERRA, 2006). Os *ex libris* também serviam como forma de aviso, como, por exemplo, na Idade Média, onde "costumavam ter *ex-libris* com inscrições que ameaçavam com pena de excomunhão, tanto os que furtavam ou encobriam o furto, como os que, em vista do roubo, raspavam ou faziam desaparecer o *ex-libris*" (BEZERRA, 2006, p. 131).

FIGURA 3 – *Ex libris* de Luiz Gonzaga Curio.

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 64.

Os *ex libris* são comumente encontrados na face interna do livro, acompanhando nomes, iniciais, ornamentos, brasão, monograma ou ilustração encomendada pelo proprietário do livro (BEZERRA, 2006). Diversos bibliófilos – e não bibliófilos – possuem seu *ex libris* pessoal e o utilizam em sua coleção, alguns sendo famosos como os dos autores F. Scott Fitzgerald e Sigmund Freud e do bibliófilo brasileiro José Mindlin.

3.2 Bibliofilia no Brasil

Segundo Reifschneider (2011), para o desenvolvimento da bibliofilia, é importante que haja um contexto no qual a impressão de livros seja significativa, uma vez que claramente o livro é a peça chave para o bibliófilo. É também

importante um mercado editorial desenvolvido, posto que é necessário material para a formação da coleção. Desse modo, o desenvolvimento tardio da imprensa no Brasil influenciou bastante no aparecimento da bibliofilia aqui.

A imprensa surge no Brasil como uma das consequências da chegada da família real Portuguesa em 1808, com a criação da Imprensa Régia, entretanto a primeira impressão realizada no Brasil trata-se de um folheto de 22 páginas datado de 1747 intitulado *Relação da entrada que fez... D. F. Antônio do Desterro Malheiro, Bispo do Rio de Janeiro... Composta pelo Doutor Antônio Rosado da Cunha...* (MORAES, 1975). Alguns autores, como Moraes, estranham a demora da aparição da imprensa no país, uma vez que os jesuítas, ao vir para a América do Sul realizar sua catequização, introduziram a imprensa no Paraguai em cerca de 1700. Outros países também receberam a introdução nessa época, mas não no Brasil. Seus livros eram impressos em Coimbra, Évora e Lisboa e trazidos para terras brasileiras para que fossem utilizados em seus colégios para ensino de gramática e catecismo aos povos indígenas (MORAES, 1975).

Desse modo, o primeiro prelo surge no Brasil em 1747, quando Antônio Isidoro da Fonseca instala uma tipografia no Rio de Janeiro intitulada de ‘segunda oficina’, sendo a primeira localizada em Portugal. Entretanto, a tipografia de Isidoro da Fonseca foi fechada pela família real portuguesa, e todo o seu material apreendido e retornado ao Reino pois não lhes era “conveniente” (MORAES, 1975, p. 138). Percebe-se que o desenvolvimento de indústrias e de informações na colônia não era prioridade para os colonizadores europeus na época. Isidoro da Fonseca continuou a tentar estabelecer uma tipografia no Brasil, realizando pedidos oficiais ao governo português, mas foi recusado novamente em 1750.

A Imprensa Régia surge, então, da necessidade da família real e o governo português de publicar seus atos oficiais, sendo tido como o primeiro impresso dessa oficina a *Relação dos despachos* de 13 de maio, folheto de 27 páginas. Alguns anos após sua instalação, outra tipografia é aberta, desta vez na Bahia em 1811, sendo as duas as únicas oficinas que funcionaram no Brasil até a Independência. A partir de 1922 a imprensa foi, aos poucos, espalhando-se pelo resto do país (MORAES, 1975).

Durante esse período, a circulação de livros era bastante escassa e restrita, assim como o número de cidadãos letrados. As bibliotecas coloniais de maior porte possuíam apenas cerca de 1.000 volumes (REIFSCHNEIDER, 2011). Assim, realizar um histórico da bibliofilia e de bibliófilos no Brasil desde a implantação da imprensa é tarefa um tanto complexa, como explica Reifschneider (2011), uma vez que colecionadores raramente produzem, deixando ao pesquisador a tarefa de vasculhar acervos à procura de algum *ex libris* ou nota deixada por algum deles.

Alguns dos bibliófilos mais antigos aqui no Brasil são, portanto, D. Pedro II (1825-1891), Francisco Ramos Paz (1838-1919), Salvador de Menezes Drummond Furtado de Mendonça (1841-1913) e José Carlos Rodrigues (1844-1923) (REIFSCHNEIDER, 2011). A coleção de Salvador de Mendonça foi uma das primeiras coleções brasileiras a serem doadas para uma instituição pública em 1906 quando o escritor realizou uma doação de 925 livros à Biblioteca Nacional (BN). D. Pedro II também doou sua rica coleção para a Biblioteca Nacional (BN), o Museu Nacional e o IHGB em 1891. A coleção doada à BN possui mais de 48.000 volumes. Dentre esses e outros, diversos bibliófilos foram surgindo no Brasil e, ao longo dos anos, realizando doações para instituições públicas, enriquecendo assim o

patrimônio nacional, conforme afirma Moraes (1975). Após a virada do século, outros nomes podem ser identificados, como Manuel de Oliveira Lima (1867-1928), Joaquim Nabuco (1849-1910), Barão de Studart (1856-1938), Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), Eurico Facó (1879-1941), Estevam Araújo de Almeida (1863-1926) dentre muitos outros (REIFSCHNEIDER, 2011). Algumas de suas coleções ainda se encontram totalmente preservadas em instituições, como por exemplo a de Rui Barbosa, localizada na Fundação Casa Rui Barbosa.

O Ceará recebeu seu primeiro prelo oficialmente em 1824 quando Manoel de Carvalho Paes de Andrade o trouxe de Recife (HALLEWELL *apud* LIMA, 2014), entretanto, acredita-se que em Fortaleza já circulavam folhas e folhetos entre a população fortalezense letrada em aproximadamente 1816, apesar de haver poucos registros de tais documentos (BRITO, 2011).

Uma das coleções cearenses mais conhecidas é provavelmente a de Barão de Studart que está disponível para pesquisa no Instituto do Ceará, instituição fundada em 1887, por Paulino Nogueira Borges da Fonseca (1841-1908), desembargador e vice-presidente da província do Ceará. Atualmente, o Instituto funciona no Palacete Jeremias Arruda e abriga, entre outras coleções, as obras raras doadas por, além de Studart, Capistrano de Abreu e Eurico Facó. Studart doou parte de sua coleção, que continha, registros de sua história, a história do Ceará, para diferentes instituições, esperando que sua memória ficasse devidamente guardada e não viesse a se fragmentar em futuros leilões (BATISTA, 2013). Como explica a historiadora Paula Virgínia Pinheiro Batista (2013, p. 3):

Ao tentar capturar os instantes da trajetória de um homem com intensa mobilidade social como Studart, percebemos sua busca por produzir um sentido para sua vida ao acumular um grande acervo, no intuito de fazer com que sua imagem fosse preservada e imortalizada em diversos espaços

nos quais atuou ativamente e fosse lembrada por grupos distintos como intelectuais, políticos, religiosos, dentre outros. Ao arquivar os papéis sobre o Ceará e sobre sua própria vida, Studart estava tentando garantir que não fosse esquecido pela posteridade.

Buscando preservar parte da história do Ceará, Studart publicou, em vida, livros buscando divulgar sua coleção, como por exemplo o *Notas Para a História do Ceará* (1892) na qual Studart transcreve e publica cerca de 150 documentos. Nas palavras do próprio autor:

Possuidor de grande cópia de documentos, que são uma revelação para a História do Ceará, não só pelo seu número, que excede a dois mil, como por sua antiguidade, pois que remontam alguns ao primeiro quarto do século XVII, pensei em iniciar a publicação deles. Mas uma publicação de documentos, por mais interessantes que fossem, fazendo-se desacompanhada em considerações, de comentários, sem ligação, sem concatenação, iria constituir uma leitura enfadonha, convidativa apenas dos especialistas, dos amantes de antiguidades. Circunscrevia-se, portanto, a um pequeno número de pessoas. Resolvi por isso debuxar em largos traços um certo período da crônica do Ceará e ir entremeando trechos de documentos ou documentos em sua íntegra pelo mesmo modo e obedecendo ao mesmo plano. (STUDART, 1892, p. 502).

A coleção do Barão de Studart não foi locada nas diferentes instituições por ele selecionadas em seu testamento e sim doada pelos herdeiros para o Instituto do Ceará, formando a Coleção Studart (BATISTA, 2013). O capítulo tratará mais adiante sobre doações realizadas por bibliófilos.

3.3 José Mindlin: o grande bibliófilo

O mais conhecido bibliófilo brasileiro é possivelmente José Mindlin. Advogado, jornalista, empresário, escritor e bibliófilo, Mindlin reuniu ao longo de sua vida um acervo de mais de 45.000 volumes de diferentes temas e níveis de raridade e importância. Sua fama, que não se restringe apenas a círculos de bibliófilos, é bastante peculiar, como aponta Reifschneider (2010, p. 141): “as circunstâncias de sua celebridade, seu enriquecimento, sua longevidade, aliados à uma sólida

formação e à exposição na mídia, especialmente após o lançamento de seu livro de memórias *Uma vida entre livros*, são únicos em nossa história”.

Mindlin acredita herdar o amor pela arte e os livros de seus pais, ambos possuindo considerável coleção de quadros e livros em sua casa. Imigrantes russos, a família de Mindlin constantemente recebia artistas que vinham da Rússia para o Brasil, seja para apresentações de música ou dança. Mindlin comenta que até a famosa dançarina russa Ana Pavlova era amiga de sua família. Nota-se, então, que a arte esteve sempre presente em sua vida, desde seu nascimento. “O ambiente da casa era de estímulo à curiosidade intelectual”, conta Mindlin em *Uma vida entre livros* (1998, p. 45). Interessado por livros desde menino, o bibliófilo passou a comprar livros a partir dos sete anos de idade e a frequentar sebos na adolescência, chegando a comprar seu primeiro livro raro aos treze anos, uma edição portuguesa do *Discurso sobre a História Universal de Bossuet*, publicada em 1740: “Depois aprendi que a idade do livro em si não tem tanta importância. O que importa é o conteúdo da obra, o valor histórico ou gráfico da edição” (MINDLIN, 1998, p. 50).

Mindlin não considera seu acervo apenas uma coleção, mas sim uma biblioteca, posto que seu principal interesse é a leitura. “Uma vez lido o livro, se deu prazer, procuram-se outras obras do mesmo autor, depois as primeiras edições e assim, irresistivelmente, as coleções vão se formando. Mas não tem sentido colecionar livros, se antes disso não tiver surgido o interesse pelas obras” (MINDLIN, 1998, p. 54). Ao ler a escrita de Mindlin é possível perceber que ele procura sempre dar destaque à leitura, a colocando como seu interesse principal acima do colecionismo, afirmando que é “mais que um colecionador”, considera-se um “leitor incansável” (MINDLIN, 1998, p. 26). Reifschneider (2010, p. 149) aponta que de

certo modo isto dá “uma conotação negativa ao colecionismo, querendo separar ‘saber’ de ‘ter’”. Entretanto, é inegável que Mindlin era um grande colecionador. Além de reunir considerável biblioteca, Mindlin sempre reforça a importância de conhecer o livro no seu todo e estudá-lo, observando suas particularidades e sua relevância:

Não há grande segredo em reunir muitos livros. Mas é preciso saber o que se quer, estudar e conhecer livros, ler catálogos [...], garimpar sempre, viver de olhos abertos, explorar todas as oportunidades, porque nunca se sabe o que pode surgir e, finalmente, ter sorte, se é que a sorte existe. A gente procura o livro e o livro procura a gente. (MINDLIN, 1998, p. 54).

Após a compra de seu primeiro livro raro, Mindlin passou a colecionar livros sobre o Brasil, formando então os primeiros esboços de sua coleção Brasileira. A partir de então, sua biblioteca apenas cresceu (MINDLIN, 1998). Ainda jovem, entrou na faculdade de direito, onde ficava na sala de aula lendo seus livros enquanto seus professores liam suas preleções “sem nenhum contato ou diálogo com os estudantes, que não estimulava a presença” (MINDLIN, 1998, p. 68). É também na faculdade que conhece Guita Kauffmann, sua futura esposa e parceira na manutenção de sua biblioteca:

[...] tenho falado sempre em ‘minha biblioteca’, quando, na realidade, a biblioteca é dela e minha, pois ela, embora não tenha a atração patológica que me aflige [...], também gosta de livros, é uma leitora constante, e, como se isso não bastasse, conserva os livros, e já encadernou ou restaurou vários deles. (MINDLIN, 1998, p. 53).

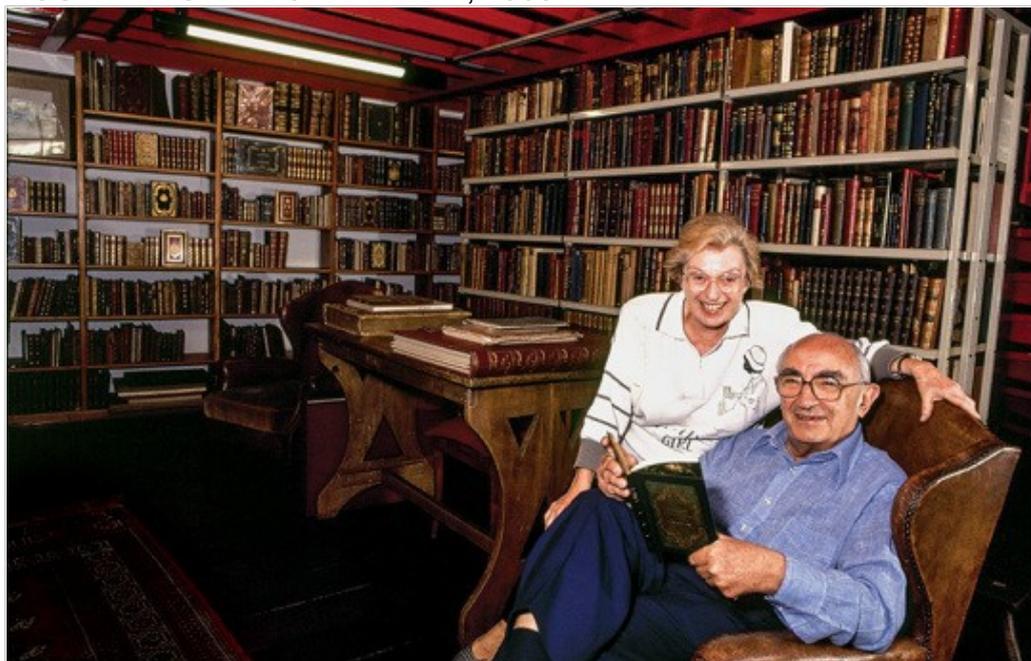
Mindlin também comenta bastante sobre sua relação com escritores, dos seus autores favoritos a grandes nomes da literatura brasileira que foram seus amigos próximos. Dentre os colegas, estão Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Guimarães Rosa, Érico Veríssimo e Rubens Borba de Moraes. Como autoproclamado leitor inveterado, Mindlin afirma estar sempre com um livro, lendo em média 8 livros por mês (ou cerca de 1.500 páginas) (MINDLIN, 1998). Dentre

seus escritores favoritos que lhe servem de inspiração está o filósofo francês Montaigne, cuja citação deu origem ao conhecido *ex libris* de Mindlin: “Quando encontro dificuldades na leitura, não me preocupo demais, pois se insistisse perder-me-ia e o meu tempo: meu espírito é de compreensão imediata. O que não entendo à primeira vista, entendo menos me obstinando. Não faço nada sem alegria”. (MONTAIGNE *apud* MINDLIN, 1998, p. 18).

Devido à sua relação com outros bibliófilos, seu período como secretário da cultura, entrevistas e livros publicados, Mindlin teve grande papel no incentivo à bibliofilia, tornando-se modelo a ser seguido não apenas por bibliófilos aspirantes, mas também aos bibliófilos de longa data como Lúcio Alcântara, Ésio Macedo Ribeiro, Maurício Barata, José Augusto Bezerra entre outros (REIFSCHNEIDER, 2010).

Como é comum entre bibliófilos, Mindlin comenta sobre sua adoração ao livro também como objeto, escrevendo como não basta apenas o “conteúdo, edição, encadernação, diagramação, tipografia, ilustração, ou papel, o livro exerce sobre mim uma atração física. Não me satisfaz ver um livro numa vitrine, sem poder pegá-lo” (MINDLIN, 1998, p. 22). Tal atração e predisposição às artes gráficas do livro levaram Mindlin a também trabalhar em atividades de editoração, colaborando ao longo dos anos em diversos projetos editoriais, como “livros de experimentações gráficas, como os elaborados com Gastão de Holanda, a reedições de obras raras relativas a autores nacionais, como a Homenagem a Manuel Bandeira, editada originalmente em 1936 com tiragem de apenas 201 exemplares” (REIFSCHNEIDER, 2010, p. 145). Vejamos a seguir uma imagem de Guita e Mindin em sua biblioteca.

FIGURA 4 - Guita e José Mindlin, 1989.



Fonte: Acervo Digital da USP², [20??].

Mindlin doou sua coleção Brasileira – apresentada na figura 4 – formada ao longo de 80 anos pelo bibliófilo, para a Universidade de São Paulo (USP), que formou a *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin* (BBM) que, atualmente, possui prédio próprio na USP. Tem cerca de 60.000 volumes e perpassa diferentes áreas de estudo ligados ao Brasil, de obras da literatura brasileira a relatos de viagens, manuscritos, iconografias, entre outros. Parte do acervo disponível na BBM também foi doado pelo bibliófilo e amigo do casal, Rubens Borba de Moraes, incluindo sua coleção de obras da *Impressão Régia no Brasil* (GARCIA; LOPEZ; KANO, 2016). Não é surpresa que Mindlin seja um ícone e referência para a bibliofilia brasileira contemporânea, sua coleção, com certeza, continuará a inspirar novos amantes de livros e estudiosos por muito tempo.

2

Disponível em: <<http://200.144.182.66/acervo/items/show/246>>. Acesso em: 27 de maio, 2018.

3.4 Raridade e Colecionismo de livros

A bibliofilia “não está apenas ligada aos dois termos que compõem a palavra, amizade e livros, mas também a excentricidade e destempero” (REIFSCHNEIDER, 2011, p. 77), devido ao aspecto de colecionismo e possíveis conotações pejorativas relacionadas ao termo. Assim como as particularidades das coleções de bibliófilos, o termo apresenta também diferentes sentidos, de acordo com quem o define. Alguns colecionadores procuram se distanciar da palavra bibliófilo, enquanto que leitores assíduos de livros podem se apropriar do termo, apesar de não possuírem uma coleção de obras raras. Enquanto alguns autores procuram distinguir a bibliofilia do colecionismo, como Eco em seu ensaio ‘Reflexões sobre a bibliofilia’ (2010, p. 50):

Os colecionadores querem tudo o que se pode recolher sobre um certo tema, e o que lhes interessa não é a natureza das peças isoladas, mas a completude da coleção. Tendem a acelerar os tempos. O bibliófilo, ainda que trabalhe sobre um tema, espera que a coleção não se complete nunca, que sempre exista ainda alguma coisa a procurar.

Outros adotam o termo, como Rubens Borba de Moraes em *O Bibliófilo Aprendiz* (1975):

O prazer de colecionar, a emoção de encontrar um livro procurado há anos, a volúpia de completar as obras de um autor, é, para o milionário que paga uma fortuna por um livro, a mesma do pobretão que encontra num sebo o volume sonhado. O primeiro passo a dar, portanto, quando se decide colecionar livros é planejar a coleção que se pretende fazer. É preciso estudar o assunto. Conhecê-lo bem. (MORAES, 1975, p. 15).

Como citado anteriormente, Eco escreve que o bibliófilo não se contenta apenas em ter grande coleção, mas possui a pretensão que seus livros sejam, preferencialmente, os primeiros e mais raros. Mas o que torna um livro raro? Os critérios de raridade são diversos, bem como os pontos de vista em que eles podem ser analisados: do bibliotecário, do restaurador, do livreiro, do bibliófilo

(REIFSCHNEIDER, 2011). E, ainda assim, dentro desses grupos, os conceitos podem variar. Conforme explica Reifschneider (2011), um livro pode ser fácil de encontrar, mas se seu estado de conservação é normalmente debilitado, uma edição bem conservada e em estado próximo do original torna-se rara. Dessa forma, tratando-se de raridade, não se observa apenas a edição da obra ou seu conteúdo, mas uma série de fatores. José Mindlin, por exemplo, encontra dificuldade para responder à questão da raridade:

Se alguém me pergunta o que é um livro raro, fico meio atrapalhado, pois é das coisas que a gente sabe, mas não consegue definir plenamente. O livro pode ser raro, por exemplo, por terem sido impressos poucos exemplares, ou por não se terem conservados os que se imprimiram, pelo interesse do texto, por ser uma primeira edição ou por ter uma revisão do próprio autor. As quatro primeiras edições de *O Guarany*, por exemplo, são importantes, pois foram revistas por Alencar, assim como as quatro primeiras de *Os Sertões*, revistas por Euclides da Cunha (com y na primeira edição...). As razões são muitas, e, além de algumas específicas, cada colecionador tem suas próprias motivações (MINDLIN, 1998, p. 29).

Já Moraes comenta que o número de colecionadores de livros aumenta ao longo dos tempos e que o número de livros antigos continua o mesmo, de forma que isso influencia na raridade desses livros. Tratando do fluxo da raridade relacionado à venda de livros, o autor escreve:

Um livro começa sua carreira sendo “comum”; passa a ser “escasso”; torna-se “raro”; e acaba sendo “raríssimo”; Há, na escala, graduações e sutilezas que os livreiros usam nos anúncios. Há o livro “escasso e procurado”, o livro “raro com as folhas erratas” ou “com as capas da brochura”. Quanto aos adjetivos “raro” e “raríssimo”, há um verdadeiro abuso dos livreiros. [...] Geralmente, o bom bibliófilo desconfia de tanto superlativo. Prefere, em tais casos, comentários mais positivos e menos economistas. (MORAES, 1975, p. 38).

A bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Ana Virginia Pinheiro (2009), compara os conceitos de raro, único e precioso, definindo suas devidas particularidades de modo a melhor conceituar um livro raro. Para a autora, raro é “aquilo que é tratado sob esta acepção em qualquer lugar – o que é raro no Brasil,

também o é na América do Norte, na Europa, na Ásia” (PINHEIRO, 2009, p. 32). Sendo assim, os critérios de raridade devem ser avaliados sob a perspectiva do organizador do acervo, de forma que podem variar dependendo da ótica do bibliotecário ou colecionador.

A FBN oferece algumas sugestões, assim como os critérios por ela tomados, entretanto, cabe a cada instituição determinar seus critérios de raridade durante a formação de suas políticas de aquisição de acervos. Os critérios de raridade adotados pela Fundação Biblioteca Nacional³ ([2000]) são os seguintes: primeiras impressões (entre os séculos. XV-XVI); impressões dos séculos XVII e XVIII; obras do Brasil (até o século XIX); edições clandestinas; edições de tiragens reduzidas; edições especiais de luxo; exemplares de coleções especiais (com encadernações de luxo e *ex libris*); exemplares com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias); e obras esgotadas.

Pinheiro (2009, p. 33), propõe que curadores de acervos levem em consideração as seguintes recomendações metodológicas:

o limite histórico (ex: o início da imprensa ou até antes da invenção da mesma), aspectos bibliológicos (ex: ilustrações artesanais, tipo de papel, uso de materiais valiosos), valor cultural (ex: primeiras edições, obras censuradas), pesquisa bibliográfica (ex: estudar as particularidades das obras) e características do exemplar (ex: presença de algum autógrafo ou dedicatória, marcas de propriedade).

Reifschneider (2011) sugere uma classificação entre raríssimos, os livros que foram impressos no Brasil até 1861, dos quais supõe-se que quase todos foram destruídos; e raros, livros impressos de 1861 até o final do século XIX, livros que podem estar em mal estado de conservação, uma vez que como afirma Moraes

3

Disponível em:

<<https://planorweb.bn.br/documentos/criterioraridadediioraplanor.doc>>. Acesso em: 26 de maio, 2018.

(1975), é difícil encontrar um livro brasileiro do século XIX que não tenha resquícios de pragas e outros agentes de degradação.

Em Fortaleza, dentre as coleções especiais de livros raros podemos citar como exemplo a da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) cujo *Acervos Especiais* abriga cerca de 8.000 volumes, composto por livros e coleções raras, nacionais e internacionais de literatura, arte, história entre outros assuntos. O acervo foi formado a partir de doações e aquisições de colecionadores, bibliófilos e artistas. A UNIFOR⁴ (2016) utiliza como critérios de raridade para a aquisição de obras para seu acervo:

obras que datam até 1900; edições que foram conservados poucos exemplares; obras que fazem parte de pequenas tiragens; livros acompanhados de obras de arte originais; livros com assinaturas ou dedicatórias especiais; obras com estado de conservação delicado.

Observa-se que os critérios escolhidos se baseiam nas direções da FBN, citadas anteriormente, no entanto, foram adaptados para melhor corresponder ao acervo da biblioteca bem como à particularidades do estado, como pode-se ver na data limite para a classificação de uma obra como rara, 1900.

Em *A Gentle Madness*⁵, Basbanes (2012), conta histórias de diferentes bibliófilos que eram enterrados com seus livros. Muitos desses casos resultaram no livro sendo eventualmente desenterrado e retornado a alguma coleção, algo que o autor chama de “exumação de livros” (BASBANES, 2012, p. 7, tradução nossa).

4 Disponível em: <<https://www.unifor.br/biblioteca-acervos-especiais>>. Acesso em: 26 de maio, 2018.

5 Título original: “A Gentle Madness: Bibliophiles, Bibliomanes, and the Eternal Passion for Books” (Uma Loucura Mansa: Bibliófilos, Bibliomaníacos e a Eterna Paixão por Livros, tradução nossa). O livro de Basbanes foi publicado primeiramente em 1995, cinco anos após José Mindlin ter utilizado a mesma expressão para descrever a bibliofilia em uma entrevista que foi posteriormente publicada com o título de “The Gentle Madness of a Guardian of Relics: A chat with Jose Mindlin” (A Loucura Manda de um Guardiã de Relíquias: Uma conversa com José Mindlin, tradução nossa) pela John Carter Brown University em 1993. De acordo com a pesquisa de Reifschneider (2011), Basbanes afirma não ter tido conhecimento da entrevista de Mindlin ao nomear seu livro. A entrevista com José Mindlin está disponível em inglês em: <http://www.brown.edu/Facilities/John_Carter_Brown_Library/exhibitions/electronicpub/gentle.pdf>

Entretanto, boa parte dos bibliófilos busca doar sua coleção a alguma instituição para que possa ser apreciada por mais pessoas, como exemplificado anteriormente nas doações do Barão de Studart e de José Mindlin.

“Como todo bom bibliófilo”, escreve Eco (2010, p. 53), “vendia a uma entidade cultural, a fim de que seu patrimônio tornasse inalienável e não se dispersasse”. São a partir dessas doações de bibliotecas particulares, cuidadosamente organizadas por bibliófilos, que grandes bibliotecas e acervos históricos são formados:

Quando se estuda a história das grandes bibliotecas do mundo, das grandes bibliotecas nacionais que fazem o orgulho de muito povo, vê-se logo que elas se formaram, tendo como base uma coleção particular, e foram se enriquecendo com a aquisição ou doação de outras coleções particulares. Foram os Mazarin, os Grenville, os Barbosa Machado que, legando ou vendendo seus livros à nação, enriqueceram o patrimônio nacional. [...] Seria um não acabar mais o querer mostrar que, graças aos colecionadores particulares, muito tesouro é salvo. (MORAES, 1975, p. 12).

Entretanto, alguns bibliófilos decidem não doar seus livros e sim colocá-los novamente à venda em leilões. O empresário americano Robert Hoe III (1839-1909) é hoje mais lembrado em seu país por ter posto sua grande coleção no mercado do que por tê-la formado em primeiro lugar (BASBANES, 2012). Hoe (*apud* BASBANES, *idem*) justifica sua escolha explicando que se grandes coleções do passado não houvessem sido vendidas, ele não teria conseguido encontrar seus livros.

De qualquer modo, o bibliófilo precisa conhecer bem seus livros e sua biblioteca. O problema desta nossa pesquisa, por exemplo, é proposto com base no extenso estudo que bibliófilos realizam sobre suas obras adquiridas, além das obras desejadas. Como explica Moraes (1975, p. 21):

Para se formar uma coleção homogênea sobre um assunto ou um autor é preciso ciência, conhecer a vida do autor, saber quando, onde publicou seus livros. É preciso toda uma soma de conhecimentos, uma verdadeira

erudição, às vezes. É aí que está a diferença entre o verdadeiro bibliófilo e o mero comprador de livros.

No livro *A Memória Vegetal*, Umberto Eco dedica vários capítulos a diferentes obras, expondo detalhes sobre sua história de forma minuciosa, apresentando seu contexto histórico e o porquê do status de obra rara. Em um dos ensaios contidos no livro, intitulado *O estranho caso da Hanau 1609* o autor explica o caso de uma obra publicada no século XVII, que possui versões diferentes e cada uma com detalhes particulares. No texto, Eco (2010) apresenta a história do autor do livro, sobre o que o livro trata e o contexto em que foi publicado, assim como possíveis explicações para o porquê das diferenças nas edições, diferenças essas, importantes para a definição da primeira edição – a mais rara. Segundo o autor bibliófilos e historiadores ainda especulam, analisando minuciosamente datas e detalhes das ilustrações de cada edição.

Esta pesquisa minuciosa, cujo texto se estende por 40 páginas analisando, entre outros detalhes, a ordem das estampas das versões conhecidas do livro, serve apenas como uma amostra para o cuidado que o bibliófilo possui com a história de um livro e do contexto em que ele se insere. Podemos então pensar a relevância de um bibliófilo para a preservação da história e da memória, por meio de seus estudos, observações e ponto de vista particular.

No capítulo a seguir será melhor explorado o ponto de vista de bibliófilos contemporâneos de Fortaleza, assim como traçado um panorama do mercado de obras raras hoje, através de entrevistas realizadas com colecionadores e um livreiro especializado em livros raros.

4 O BIBLIÓFILO E A MEMÓRIA DA CIDADE: TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS E RELATOS DE PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa teve, quanto à sua natureza, abordagem qualitativa, pois “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20). Utilizamos a história oral como método, pois buscamos valorizar a fala dos sujeitos, os bibliófilos, procurando entender sua posição em relação à bibliofilia e sua relação com a memória de uma cidade, bem como seus relatos e memórias pessoais. Tomamos como universo a cidade de Fortaleza e, a priori, planejamos entrevistar uma amostra de bibliófilos tendo como base a Associação Brasileira de Bibliófilos. Entretanto, devido a situações que serão melhores detalhadas nas seções a seguir, não foi possível selecionar uma amostra significativa com auxílio da ABBi. Utilizamos, então, o sistema de redes para selecionar os entrevistados, método no qual:

se busca um “ego” focal que disponha de informações a respeito do segmento social em estudo e que possa “mapear” o campo de investigação, “decodificar” suas regras, indicar pessoas com as quais se relaciona naquele meio e sugerir formas adequadas de abordagem. De um modo geral, as pessoas indicadas pelo “ego” sugerem que se procurem outras ou fazem referência a sujeitos importantes no setor e assim se vai, sucessivamente, amealhando novos “informantes” (DUARTE, 2002, p. 142-143).

Portanto, os sujeitos aos quais chegamos, e cujas falas serão analisadas neste capítulo, foram contatados a partir de, primeiramente, sugestões de uma pessoa e, eventualmente, de outros com quem conversamos ao longo da construção deste trabalho (também falaremos um pouco mais sobre isso nas seções adiante). Durante a fase inicial da pesquisa, buscamos tomar como único critério o entrevistado identificar-se como bibliófilo. Contudo, alguns dos sujeitos questionados rejeitaram esta rotulação, apesar de enquadrarem-se nos critérios vistos no capítulo

anterior.

Quanto aos tipos de pesquisa, foi primeiramente realizada uma pesquisa exploratória, que tem “o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 2008, p. 27), em que foram definidas as categorias a serem tratadas nos capítulos de cunho teórico da pesquisa. Realizamos, então, a pesquisa bibliográfica, “elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 21), com foco nas categorias selecionadas anteriormente: memória, cidade e bibliofilia. Foi realizado também um estudo de caso, que caracteriza-se pelo estudo exaustivo “de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento” (SILVA; MENEZES, idem).

A partir dessas leituras, especialmente aquelas que tratam sobre bibliofilia em que foram estudados relatos de bibliófilos, tratamos de selecionar uma amostra para esta pesquisa, de modo a realizar um levantamento de campo, definido como “interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer” (GIL, 2008, p. 55).

Desde o início desta pesquisa tínhamos como principal instrumento de coleta de dados a entrevista, “definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (HAGUETTE, 1987, p. 86). Entretanto, tal instrumento de coleta de dados não pôde ser utilizado com todos os sujeitos da pesquisa. Escolhemos este instrumento a priori pois buscávamos conhecer os bibliófilos de Fortaleza e seu ponto de vista sobre o seu papel na guarda da memória da cidade. Nosso maior interesse enquanto pesquisadora era de ouvir a fala dos sujeitos estudados e escutar suas histórias, histórias essas talvez similares (ou não) às escutadas desde criança pela pesquisadora.

Entretanto, ao longo da pesquisa, tais planos foram ficando cada vez mais difíceis de se concretizarem. Optamos, então, pelo uso do questionário para alguns dos sujeitos da pesquisa, instrumento de coleta de dados caracterizado como “série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 33).

Neste capítulo, apresentamos, primeiramente, sobre a aproximação com o objeto estudado, justificando sua escolha e a razão para que a pesquisa tenha sido realizada. A seguir falamos sobre as dificuldades em entrevistar bibliófilos e da restrição das informações produzidas pelos mesmos, comentando sobre os percalços da entrevista. Tratamos, em seguida, os dados coletados e a sua análise, dividindo a pesquisa empírica em duas partes. Em primeiro momento, trazemos três amantes do livro de Fortaleza: um bibliófilo, um colecionador e um livreiro. Apresentamos aqui perfis e os dados que foram coletados com o questionário e conversas via e-mail, seguidos de comentários e análise. Em seguida, tratamos da revista *Scriptorium* e sua relevância para a memória de Fortaleza.

4.1 A aproximação com o objeto estudado

Para falar da aproximação com o tema desta pesquisa e seu objeto, faz-se necessário voltar um pouco à justificativa a qual comentei⁶, durante o primeiro capítulo, deste trabalho. A escolha desta temática vem, acima de tudo, de uma vida rodeada por histórias e livros.

Ao longo dos anos, minha maturidade leitora evoluiu, assim como a forma que passei a ver o livro, e uma das maiores razões para tanto é o meu avô, livreiro (um dos entrevistados) que, por meio de conversas informais no dia a dia, assim como em suas respostas ao participar da pesquisa, também está intrinsecamente presente

⁶ Aqui retorno a falar em primeira pessoa, pois trago narrativas relacionadas à aproximação pessoal com o objeto estudado.

neste estudo. Meu avô Astolfo, 69 anos, iniciou a venda de livros em 1968 quando, após repercussões da ditadura militar, foi expulso da Marinha e passou a procurar emprego para sobreviver. Como estava em Brasília, e precisando de um trabalho honesto, mas que não exigisse muitos documentos, ouviu a indicação de um colega e seguiu para um escritório que realizava vendas de enciclopédias de porta em porta. Terminou um curso de vendas no escritório e tornou-se vendedor. Ao longo dos anos, passou de vendedor de enciclopédias a vendedor de livros em geral e foi coletando uma clientela de nomes ilustres como Lúcio Alcântara e Cid Carvalho.

Por eu ter crescido muito perto de meus avós, e tendo me mudado para sua casa quando ingressei na UFC, vi o crescimento do sebo de meu avô de perto, assim como a sua relação com os livros. Cada livro que é recebido por ele, é tratado com o maior cuidado possível, apesar de não possuir todos os materiais necessários para conservação⁷. É, primeiramente, realizada higienização mecânica simples, com o auxílio de uma trincha e pano. O livro é, então, analisado superficialmente, onde o olhar treinado de meu avô procura por sinais de dissociação: riscos na encadernação, rasgos na capa ou no miolo, ou até mesmo a presença de sujeiras mais persistentes. Se o livro apresenta estado debilitado, é separado para ser enviado a um encadernador que já cuida dos livros dele há alguns anos. Se não, é devidamente catalogado em seu sebo virtual e colocado em uma das estantes. É um processo que ocorre toda semana e cujas etapas posso observar sempre de meu quarto. Não é raro ver meu avô ficar muito feliz com uma de suas novas aquisições e vir me mostrar a beleza da encadernação original, do *ex libris* de seu antigo dono ou das ilustrações nele contido. É quase que impossível não se deixar influenciar diante de tal exibição de afeto pelo livro.

7 Materiais de conservação preventiva, em especial para limpeza de livros, incluem: trinchas, pincéis, flanela macias, aspirador de pó, pó de borracha, espátulas de metal, luvas de látex ou algodão, máscaras, entre outros (CASSARES, 2000). Disponível em: <http://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf5.pdf>. Acesso em: 29 de maio, 2018.

Desse modo, logo após a escolha do tema, durante a disciplina Metodologia da Pesquisa, comecei a conversar com meu avô Astolfo sobre sua profissão, seu interesse pelos livros, bem como a escutar suas histórias de vendas e clientes que conquistou. Um dos nomes que mais escutei, em particular nos últimos dois semestres do curso, período e, que me dediquei mais a esta pesquisa, foi o de Cid Saboia de Carvalho, 87 anos, político, advogado, jornalista, professor universitário e bibliófilo cearense. Muitas vezes, enquanto voltava da universidade com meu avô ou até mesmo escutando algumas de suas conversas ao telefone, o nome de Cid apareceu, pois é um dos clientes mais assíduos do seu sebo, durante os últimos anos. Observei, também, que meu avô tem um sistema bastante interessante ao oferecer novos livros ao bibliófilo: ele realiza uma busca de acordo com os livros ou temas que o sr. Carvalho mais procura. Após isso, faz um levantamento dos livros encontrados e, então, uma pesquisa sobre cada livro. Por fim, meu avô, escreve um pequeno resumo sobre cada livro encontrado, como uma espécie de apresentação. Por ser escritor, seus resumos possuem natureza mais poética, utilizando-se dos próprios personagens do livro para contar sua história ou, em alguns casos, usando a voz do próprio autor para falar de sua obra.

Para se ter uma ideia mais precisa sobre o que explico, apresento a seguir um trecho de uma de suas descrições de livro, sobre a obra *Danton - Memoire Sur Sa Vie Privée par le Docteur Rubinet* de Rubinet (1884), na qual procura inserir o livro em seu devido momento histórico para que o possível comprador tenha maior apreciação pela obra. Apesar de não ter a natureza poética dos resumos feitos para o sr. Carvalho, que meu avô considera mais como pequenos contos, exemplifica seu cuidado em representar a relevância do livro:

No presente livro, o autor narra a vida do tribuno popular, uma das maiores figuras da Revolução Francesa. Ministro da justiça no momento da queda da realeza, foi, em seguida, o primeiro presidente do comitê de salvação pública, antes de ser eliminado por Robespierre em razão de sua oposição ao regime do Terror. Jovial, hedonista e truculento, Danton não pertence à

raça dos revolucionários puritanos, escrupulosamente virtuosos – como dizem seus biógrafos, uma vez que nada tem de incorruptível e que, por conseguinte, não cessa de seduzir ou de indignar aqueles que se inquietam com as relações do ethos revolucionário com a “moral”. Robinet também aborda a vida de Danton em outras obras. Participou da revolução de 1848 e iniciou-se no positivismo religioso em 1849 através de Ségond, um entusiasta dos tribunais públicos de Auguste Comte. Chegou a ser médico de Auguste Comte (que seguia pouco suas prescrições – diga-se), mas o auxiliou em seus últimos momentos. Eleito membro da Comuna, protestou vigorosamente contra a repressão. Fundador e principal colaborador da revista *La Politique Positive* (1872-1873). Conseguiu com os familiares de Danton muitos documentos que estão contidos nesta obra. Livro em bom estado de conservação, com restauros em cinco folhas da introdução.

É este o seu catálogo particular, que é então enviado ao sr. Carvalho e por ele lido, sendo que os livros pelos quais ele se interessa são selecionados. Meu avô então o visita com relativa frequência, de acordo com a disponibilidade do sr. Carvalho e dos livros que meu avô possui no momento. Durante essas visitas, meu avô comentou sobre minha graduação e pesquisa, e o sr. Carvalho nos convidou para uma visita e a realização da tão sonhada entrevista. Muito feliz, comecei a organizar o roteiro de entrevista semiestruturada e a planejar um número de bibliófilos que poderia entrevistar, esperando que o sr. Carvalho pudesse me recomendar a colegas. Esta esperada visita, contudo, não aconteceu. A respeito das intercorrências durante a execução da pesquisa de campo, trato no item a seguir.

4.2 Os percalços da pesquisa: as dificuldades em entrevistar bibliófilos

Fortaleza tem rico histórico de cultura e movimentos literários. Em um estudo realizado em 1938 por Leonardo Mota (*apud* BRITO, 2011) sobre a Padaria Espiritual, o autor identificou 37 sociedades intelectuais que surgiram no Ceará na segunda metade do século XIX, dentre as quais podemos citar: Fênix Estudantil (1870), Gabinete Cearense de Leitura (1875), Instituto Histórico e Geográfico Cearense (1877), Club Literário Cearense (1884), Padaria Espiritual (1892), Centro Literário (1894) e Academia Cearense (1894). O crescimento da imprensa em

Fortaleza no século XIX foi um momento oportuno para o surgimento da imprensa literária que inseriu-se:

num processo de desenvolvimento cultural da cidade [...] no qual as diversas agremiações artísticas que se formavam desempenhavam significativo papel na demonstração de que a 'porta de entrada' da Província era bafejada pelos princípios básicos da civilização, conforme os padrões europeus (BRITO, 2011, p. 114).

A utilização de jornais e revistas eram preferíveis aos membros desses clubes e sociedades devido à falta de estímulo para a publicação de livros e outras produções intelectuais no estado (BRITO, 2011). O Club Literário, por exemplo, fundado em 15 de novembro de 1986, contava com membros como João Lopes, Antonio Bezerra, Oliveira Paiva e José Olimpio e colaboradores como Juvenal Galeno, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales, Justiano de Serpa e Francisca Clotilde (BARREIRA *apud* BRITO, 2011). A principal intenção do Club era de promover "a ascensão intelectual de seus associados" (BRITO, 2011, p. 117) e para tanto mantinham um jornal intitulado *A Quinzena* que, durante um ano, lançou trinta números com crônicas, contos, ensaios e poemas de diversos intelectuais fortalezenses (BRITO, *idem*).

Nas ruas do Centro da cidade, resquícios dessas épocas são encontrados nos prédios históricos, edifícios esses que não foram criados com a intenção de acomodar as instituições que hoje neles funcionam, entretanto auxiliam na manutenção de um certo *status* célebre dos mesmos e da localidade onde se situam. Dentre tais prédios destaca-se o Palácio da Luz, um dos edifícios mais antigos de Fortaleza, datando de cerca de 1781, localizado na rua do Rosário, onde hoje abriga a Academia Cearense de Letras (ACL), fundada em 15 de agosto de 1894. Dentro da ACL estão quatorze outras entidades literárias⁸, dentre elas a

8 São elas: Academia Fortalezense de Letras, Academia Cearense de Retórica, Academia Cearense da Língua Portuguesa, Associação Brasileira de Bibliófilos, Sociedade Amigos do Livro, União Brasileira dos Trovadores, Sociedade Cearense de Geografia e História, Associação de Jornalistas Escritores do Brasil, Academia Feminina de Letras, Academia de Letras e Artes do Ceará, Academia Ipuense de Letras e Programa Terça-Feira em Prosa e Verso.

Associação Brasileira de Bibliófilos (figura 5), fundada em 1985 e, atualmente, presidida por José Augusto Bezerra, que também foi presidente da ACL de 2013 a 2016.

FIGURA 5 – Logo da ABBi



Fonte: Associação Brasileira de Bibliófilos (2009).

Bezerra iniciou sua biblioteca aos onze anos, e hoje seu acervo consta com cerca de 27 mil livros que abrangem obras da “literatura infantil, língua tupi-guarani, manuscritos sobre o Brasil e primeiras edições de grandes escritores brasileiros”, assim como vasta coleção de livros sobre o Ceará (VERDES MARES, 2010).⁹

Devido à existência da ABBi na cidade, na primeira fase de construção deste trabalho a tínhamos como possível fonte de informações sobre a bibliofilia e os bibliófilos de Fortaleza, assim como ponto de partida para encontrar bibliófilos dispostos a conceder-nos entrevista. Entretanto, conseguir informações sobre a Associação mostrou-se um trabalho difícil. A ABBi não possui página na *web* ou até mesmo alguma seção dentro da página da ACL. Informações podem ser encontradas se forem garimpadas em artigos de jornais, como os do *O Povo* ou *Diário do Nordeste*. Destes, é possível colher informações como os nomes de alguns membros, eventos realizados pela ABBi e confraternizações dos associados. Realizei algumas visitas *in loco* na ACL que se mostraram bastante informativas,

⁹ Retirado da página do Troféu Sereia de Ouro recebido por Bezerra em 2010. Disponível em: <<http://hotsite.verdesmares.com.br/sereiadeouro/homenageados-anteriores/bibliofilo-jose-augusto-bezerra/>>. Acesso em: 26 de maio, 2018.

apesar de não haver documentos disponíveis, de fato, sobre a ABBi, como, por exemplo, histórico ou lista de membros. As informações coletadas que serão apresentadas neste capítulo vieram pela maior parte de conversa informal com a bibliotecária da ACL, assim como da leitura de quatro volumes da revista *Scriptorium*, criada e mantida pela Associação e que encontram-se disponíveis na biblioteca da Academia.

Ao longo da efetivação da pesquisa pudemos perceber pessoalmente como o universo dos bibliófilos ainda é, infelizmente, fechado para o público em geral. Grandes bibliófilos como Mindlin ou Moraes publicaram livros e, por meio de entrevistas, deram voz aos bibliófilos do país. Entretanto, seus exemplos aparentemente são pouco seguidos por outros colecionadores. Algumas razões podem ser levantadas para explicar tal fenômeno e serão comentadas mais adiante.

Voltamo-nos ao sr. Cid de Carvalho, cliente de meu avô. Marcamos entrevista a ser realizada na casa dele, à tarde. No dia da entrevista, recebemos uma ligação do secretário do bibliófilo nos explicando que por motivos de saúde a entrevista teria que ser adiada para outro momento. Entendemos, especialmente porque o sr. Carvalho tem 84 anos de idade. Algumas semanas se passaram, entretanto, e o sr. Carvalho não apresentava melhoras e, neste ínterim, alguns eventos pessoais ocorreram deixando sua saúde ainda mais debilitada. O tempo corria e a pesquisa precisava ser feita, então resolvi buscar outros bibliófilos que estariam dispostos a conversar comigo. Ao consultar meu avô, novamente surgiu a questão da idade: a maioria dos bibliófilos locais de que conhecia já haviam falecido. Não tendo mais os contatos de meu avô, busquei outras fontes.

Cheguei ao nome do doutor Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, professor titular de Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Trocamos e-mails e ele concordou em conversar comigo. Novamente, marcamos uma data e, infelizmente, mais uma vez a saúde de meu entrevistado ficou enfraquecida. Esperei sua melhora

e, enquanto isso, o semestre letivo seguia, necessitando que a pesquisa fosse concluída. Busquei dedicar-me a outras partes do estudo, como a leitura de fontes e melhoramento dos capítulos teóricos. Entretanto, a pesquisa que de fato ajudaria a responder meus questionamentos iniciais estava parada. Após longo tempo, como precisava de dados para realizar a análise, conversei novamente com o professor Diatahy por e-mail e chegamos ao acordo de reorganizar meu roteiro de entrevista tornando-o um questionário aberto, encaminhado por e-mail, a ser respondido por ele.

São notórias as dificuldades para um pesquisador que trabalha com história oral, cujos entrevistados são idosos. Há sempre a preocupação com a saúde dos mesmos, o que acaba por ser o principal motivo para constantes adiamentos das entrevistas.

Durante a minha busca por bibliófilos em Fortaleza, o jornalista e historiador Nirez me foi sugerido. Seu nome é bastante conhecido entre estudantes e amantes da história de Fortaleza, uma vez que Nirez é o curador de um museu que consta com mais de 26 mil fotos que ilustram a história do Ceará, assim como 22 mil discos e livros de diferentes gêneros (INSTITUTO MOREIRA SALLES, s/d]). Durante a criação do projeto desta pesquisa, havíamos delimitado o critério de seleção dos sujeitos o mesmo identificar-se como bibliófilo, de modo que, ao iniciar a conversa com Nirez o perguntei se ele se considerava um e se estaria disposto a responder meu questionário. Nirez respondeu que não se considera bibliófilo e sugeriu-me conversar com José Augusto Bezerra, o diretor do Instituto Histórico. Apesar de rejeitar a rotulação, Nirez foi bastante solícito e realizamos troca de e-mails que, embora curtos, foi bastante significativo. Finalmente, os dados foram coletados e a pesquisa seguiu em frente.

4.3 Os sujeitos pesquisados

A seguir as entrevistas e conversas com os sujeitos desta pesquisa. Procuramos questioná-los sobre a relação com os livros e com a bibliofilia, assim como suas opiniões sobre a relação do livro com a memória da cidade de Fortaleza.

4.3.1 O (não) bibliófilo

Apresentamos Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, 83 anos, doutor em Sociologia do Conhecimento pela Universidade *François Rabelais, de Tours* da França, pós-doutorado em História das Idéias Religiosas pelo *College de France* e em História Antropológica pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* em Paris. É professor emérito da Universidade Federal do Ceará e professor titular da Universidade Estadual do Ceará. Membro efetivo do Instituto Histórico do Ceará, da Academia Cearense de Letras, da Associação Brasileira de Bibliófilos e titular da *Association Internationale des Sociologues de Langue Française* (AISLF). Sua experiência abrange as áreas de epistemologia, literatura, antropologia e história, com foco em arte e sociedade, cultura brasileira e historiografia crítica do Brasil.

Dono de extensa biblioteca particular, com cerca de 30 mil títulos, Prof. Diatahy, ao falar do significado dos livros em sua vida, explica que poderia discorrer bastante sobre o assunto, mas que a resposta mais direta é simples: *“tudo!”*. Tendo iniciado na docência aos 16 anos, Diatahy relata que os livros possuem notável significado em sua vida. Entretanto, logo no começo de suas respostas afirma que não é propriamente um bibliófilo, pois: *“não presto um culto a livros raros: mesmo reconhecendo sua relevância nesse sentido, os livros são para mim instrumentos de trabalho e de fruição estética!”*. O professor afirma nunca participar efetivamente da bibliofilia, apesar de seu relacionamento com colegas bibliófilos e ingresso na Associação.

Observamos na fala do professor o que Reifschneider (2011) e outros estudiosos da bibliofilia destacam em suas pesquisas (ECO, 2010; MORAES, 1975), há uma dificuldade em aceitar o termo bibliófilo propriamente dito devido às conotações negativas que ele apresenta:

Colecionadores de livros não costumam se autodenominar bibliófilos, ou assim se apresentar. A razão para tal já foi em parte delineada: a bibliofilia não está apenas ligada aos dois termos que compõem a palavra, amizade e livros, mas também a excentricidade e destempero. (REIFSCHNEIDER, 2011, p. 77).

Distanciando-se do significado original da palavra dado por De Bury (1903), no século XX, de um simples amigo dos livros, o significado mais célebre do bibliófilo é o de um colecionador que dá maior valor à raridade e à estética de um livro do que de seu conteúdo propriamente dito. Conforme explica Eco (2010, p. 35), “a bibliofilia é certamente o amor aos livros, mas não necessariamente ao conteúdo deles”. Diatahy possivelmente compartilha da visão do bibliófilo que não lê seus livros por receio de danificá-los, conforme conta Eco (idem):

[...] existem bibliófilos, que eu não aprovo mas compreendo, os quais, possuindo um livro intonso, não lhe separam as páginas para não violar o objeto conquistado. Para eles, separar as páginas do livro raro seria como, para um colecionador de relógios, quebrar o tambor a fim de ver o mecanismo.

Professor Diatahy afirma que seu interesse está no conteúdo de seus livros ao explicar que nunca preocupou-se com a aquisição de livros apenas por serem raros. Entretanto, expressa sua predileção a livros de melhor qualidade, livros que “constituem também objeto de fruição estética, sobretudo quando estes são bem editados, às vezes tão ricamente feitos quanto ao papel, às ilustrações, às fontes de caracteres e à arte gráfica em geral”. Eco (2010, p. 47), reforça que parte dos bibliófilos pouco se importam com o conteúdo do livro, afirmando que “alguns bibliófilos colecionam encadernações, e para ter uma bela encadernação podem

adquirir um livro em copta”, de modo que o receio de Diatahy ao tomar para si a palavra de bibliófilo é compreensível.

Ao falar sobre sua introdução ao universo dos livros, Diatahy salienta:

[...] minha Primeira Biblioteca pessoal, me foi enviada pelo Presidente da República GETÚLIO VARGAS, em resposta a uma cartinha que lhe enviei aí nos meus 8 ou 9 anos de idade. O acervo de livros na casa paterna era diminuto, mas havia uma obra maravilhosa, em vários volumes: O TESOURO DA JUVENTUDE – eu me deitava de bruços no chão, entre duas camas para me esconder da vigilância de meu pai (cuja preocupação maior era a feitura dos deveres escolares), e mergulhava nos inúmeros ‘Livros’ que compunham essa obra: “Fábulas de ESOPO”, “O Livro dos Porquês”, “História das coisas”, etc. Daí para frente eu fui ampliando o acervo e meu horizonte de conhecimentos.

Diatahy concorda que o tempo pode agregar valor de raridade a um livro, entretanto expressa receio em relação ao termo, afirmando que este pode ser também utilizado como um “*artifício de merchandising*”, mas reconhece que possui alguns livros que sejam raros “*pela criteriologia de bibliófilos profissionais e decerto alguns desses são algumas das obras que ganhei de Getúlio Vargas, o ditador, na minha infância*”. Os livros de Vargas são certamente obras de valor político-cultural posto que pertenceram a relevante figura política do país.

O professor afirma não seguir nenhum tipo de critério ao adquirir seus livros, sua escolha se dá exclusivamente pelo conteúdo. No questionário, fizemos uso da palavra “coleções” na formulação das perguntas, entretanto Diatahy rejeita a palavra, acreditando que não possui nenhuma coleção e sim uma biblioteca. Seu sentimento é semelhante aos de Eco (2010), que acredita que um colecionador apenas deseja adquirir mais objetos para sua coleção, esperando algum dia sua completude, enquanto que o bibliófilo espera que sua biblioteca nunca pare de se expandir. Segundo o autor, “o bibliófilo junta livros para ter uma biblioteca. Parece óbvio, mas a biblioteca não é uma soma de livros, é um organismo vivo, com vida autônoma” (ECO, 2010, p. 47) Diatahy responde que a seu ver coleções seriam os diferentes volumes de uma série como a História da Civilização Brasileira de Sérgio

Buarque de Holanda et. al, ou os volumes da série Os Pensadores da Abril Cultural, mas que dentro de sua biblioteca não há uma coleção no sentido próprio da palavra.

Apesar disso, Diatahy afirma que, assim como outros bibliófilos, mantinha coleções de outra natureza desde a infância até a adolescência:

Fiz coleções de 'carteiras de cigarros' – como se dizia então –, caixas de fósforos, tampinhas de garrafa, selos; construí com minhas mãos um pombal no quintal da casa paterna e durante mais de 7 anos percorria a pé a Fortaleza de então em busca de criadores de pombos raros de raças diversas.

Observamos, na fala de Diatahy, similaridades com os escritos de Eco (2010, p. 34), ao comentar sobre as origens da bibliofilia em um indivíduo:

O amor ao livro raro também pode começar nesses níveis, assim como muitos de nós, na juventude, colecionavam selos; não podiam permitir-se peças raras, claro, mas sonhavam com terras longínquas olhando em seus álbuns os selos de Madagascar ou das ilhas Fiji adquiridos [...] na papelaria

Paralelamente, a biblioteca de Diatahy, que iniciou com os presentes de Vargas, também ganhava tamanho. Devido aos estudos, o professor teve a oportunidade de viajar para diferentes países de significativo valor cultural como a França, Alemanha, Itália entre outros. Nesses seus diferentes gostos e interesses tomaram a forma de bens materiais, conforme explica:

Quando estudante em Paris (1959-1960), nas grandes férias de Verão, fiz longa viagem por vários países da Europa, tendo comprado na Alemanha boa máquina fotográfica com que me iniciei em fotografias documentais e estéticas; mas nunca cuidei de formar coleções e minhas gavetas estão cheias dessas fotos e gravuras, sobretudo populares; além disso, com meu interesse musical diversificado, possuo também um acervo significativo de discos de vários formatos, CDs, e vídeos..., e quadros originais ou em reprodução. Percorri então, visitando livrarias, bibliotecas, museus e monumentos, inúmeras cidades, ou em vários momentos ulteriores residi, estudei, ensinei, pesquisei, participei de conferências, de Banca de Doutorado, etc., e adquiri obras e documentos.

Tratando-se dos cuidados que possui com a conservação de seus livros para que sua vida útil se estenda e continuem a ser aproveitados por futuras gerações,

Diatahy responde:

Desde sempre e ao longo dos anos, na medida em que foram surgindo recursos – alguns deles tóxicos, que felizmente foram sendo substituídos –, e num clima equatorial propício ao desenvolvimento de pragas nocivas aos livros e documentos, uso com regularidade esses materiais defensivos. Sobretudo depois que deixei minha casa da Rua Tomás Acioly, 1505 (Dionísio Torres) e iniciei extenso registro e limpeza dos materiais para transportá-los para minha atual residência [Rua Dr. Márlío Fernandes, 140 – Guararapes], constatei infelizmente a perda de cerca de 300 obras e inúmeros documentos de pesquisa histórica destruídos silenciosamente pelos cupins; daí para frente, nos últimos 14 anos, renovo contrato anual com uma Empresa de controle biológico de pragas, o que representa uma despesa altíssima.

Observa-se na fala do professor a importância da conservação preventiva de acervos, não apenas públicos, mas também em bibliotecas particulares, já que como relata Diatahy houve perda significativa de seu acervo devido a falta de cuidados anteriores.

Diatahy afirma não ter conhecimento prévio do “aforismo” de Mindlin que tituló a bibliofilia uma “loucura mansa”, entretanto sobre o famoso bibliófilo o professor compartilha uma memória do dia em que se conheceram:

[...] anos atrás, num sábado no meio da tarde, quando costumava passar pela Livraria do Gabriel, no centro, início da Rua Assunção: fui entrando, e Gabriel, que estava sozinho na loja vazia, me chamou e fomos ao fundo da livraria, onde me deparei com um vetusto senhor, sentado num tamborete a fuçar velhos livros, e Gabriel, em sua exagerada hipérbole, me apresentou: - Dr. Mindlin, quero lhe apresentar o maior intelectual do Ceará! Eu ri daquele exagero, pois não se possui escala para medir tal fenômeno e considero sinceramente que há muitos estudiosos entre nós que são evidentemente mais relevantes do que eu. Ficamos amigos; e jantei ou almocei com ele doutras vezes que veio ao Ceará.

O professor também conta que participa de encontros relacionados a bibliofilia, como conferências da ABBi e homenagens a figuras importantes para a cultura cearense, bem como encontros mais informais como almoços. Apesar de não concordar com a conotação da palavra que seus colegas adotam, todos têm em comum a apreciação pelo livro, o que, segundo Eco (2010, p. 33), é importante para o bibliófilo uma vez que nem todos conseguem entender sua paixão:

O bibliófilo, porém, nunca sabe a quem mostrar os próprios tesouros: os não bibliófilos dão uma olhada distraída naquilo e não compreendem porque um livreco seiscentista in-doze, de folhas avermelhadas, pode representar o orgulho de quem é o único a ter adquirido o último exemplar ainda em circulação

Tratando da aquisição de livros, Diatahy relata que, durante a infância, não possuía grandes recursos próprios para conseguir os livros que desejava, de modo que resultou de alguns “estratagemas de acesso aos livros” paralelamente ao uso de bibliotecas como a do Lyceu do Ceará e Biblioteca Pública, dentre os quais:

1) eu aprendi a encadernar livros, num manual de uma coleção portuguesa e com meu irmão mais velho – então, as pessoas traziam as obras e se me interessavam eu as lia antes de devolvê-las reparadas; como eu não possuía instrumentos adequados, portanto, sem prensa, etc., após costurar os cadernos, usava duas tábuas grossas e lisas, punha o volume entre as duas e por cima os dois grandes volumes do Dicionário da Língua Portuguesa de Candido de Figueiredo, sentava sobre o conjunto e ficava a estudar ou a ler simplesmente; e para cortar as aparas das margens, levava o livro a uma gráfica perto de casa, onde um funcionário as cortava na guilhotina, pagando eu Cr\$ 0,50; 2) já no Curso Científico do Lyceu, como frequentava todas as principais Editoras e Livrarias de Fortaleza, eu recolhia os Catálogos, levava isso comigo ao colégio e apresentava-os a Professores e colegas estudiosos, eles assinalavam o que queriam adquirir, eu levava isso aos livreiros, estes encomendavam tudo em confiança, eu recebia os pagamentos integrais e repassava aos livreiros, com 10% do valor como pagamento de meu trabalho; assim, conseguia um fundo para aquisição do que mais tinha necessidade naquele momento, e não pesava no orçamento de meus modestos Pais.

Atualmente Diatahy faz uso da internet: recebe catálogos e boletins bibliográficos do Brasil e do exterior e realiza suas aquisições diretamente, seja online ou em livrarias e sebos. Sobre estes, Diatahy explica:

Sempre frequentei sebos (desde os antigos de Fortaleza), e quase por toda parte no Brasil: Rio de Janeiro, Petrópolis, Nova Friburgo, São Paulo, Campinas, São José do Rio Pardo, Porto Alegre, Gramado, Florianópolis, Blumenau, Curitiba, Vitória, Belo Horizonte, Outo Preto, Brasília, Salvador, Porto Seguro, Aracaju, Maceió, Recife e Olinda, João Pessoa e Campina Grande, Natal, Mossoró, Fortaleza, Sobral, Cariri, Limoeiro do Norte, Teresina, São Luís, Belém e Manaus.

Ao discorrer sobre a utilização de sebos ao longo dos anos, Diatahy conta um caso que lhe ocorreu em Lagoa Seca, cidade próxima de Campina Grande.

Enquanto participava de um simpósio sobre a história da igreja e da região, um bispo que também participava do mesmo evento partia para uma visita pastoral de várias paróquias de sua diocese. Interessado, Diatahy resolveu segui-lo em seu percurso, entretanto o motivo ulterior era:

Nas velhas paróquias da área do Brejo da Paraíba, coletar livros antigos e documentos (v.g., As Missões Abreviadas, etc.) sobre a religiosidade popular, que eu investigava então, e assim por onde passava nesse percurso de dois dias fui conseguindo doações ou empréstimos (de que depois tirei cópia e devolvi o original)."

Diatahy relembra também os velhos sebos de Fortaleza que tanto frequentava:

Quero chamar a atenção para um fato singular de Fortaleza naquela época, além de bons velhos sebos, ela sediava a maior parte das mais importantes editoras e livrarias do Brasil e até do exterior, ou possuía escritórios de seus representantes oficiais: Editora Globo de Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, Edições Melhoramentos, Francisco Alves Editora, Edições de Ouro – Tecnoprint, etc.; e El Ateneo, a maior livraria e editora de Buenos Aires, ficava nos altos da esquina da rua Major Facundo com rua Pedro Pereira, hoje é uma Casa dos Relojoeiros! E a facilidade com que então se importavam livros estrangeiros! Algumas das melhores obras que possuo em minha biblioteca foram adquiridas por esse tempo.

A narrativa do professor resgata a memória de um tempo vivido, uma Fortaleza que não existe mais, mas que se mantém viva na memória de seus velhos. Bosi (2003, p. 199-200), ao retratar a memória dos idosos de São Paulo, escreve que toda “geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história”. De acordo com a autora:

[...] a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos? (BOSI, 2003, p. 200).

Desse modo, “bibliófilos” como Diatahy, carregam em sua trajetória a memória da Fortaleza de outros tempos, uma Fortaleza elegante e erudita, perfilada por sebos, editoras e livrarias.

Por outro lado, a facilidade em adquirir livros de qualidade nas décadas passadas ocorriam devido ao que Diatahy descreve como possibilidade de importar livros estrangeiros pois, conforme explica Moraes (*apud* DELGADO, ano, p. 52), “O Brasil vivia uma época feliz com moeda relativamente alta e sem restrições de importação”. Outra razão é a diferença entre a troca de informações da época. Onde hoje informações são adquiridas de forma instantânea, antigamente dependia muito de catálogos e do próprio livreiro conhecer bem o valor de seus livros.

Durante a década de 1970, Moraes comenta sobre a diferença do conhecimento dos livreiros em relação a décadas passadas: enquanto que nos anos 30 e 40 os livreiros tinham menor conhecimento do valor dos livros e bibliófilos poderiam comprá-los por um valor significativamente menor, os livreiros modernos já utilizavam da leitura de bibliografias e catálogos para colocar um valor que correspondia a importância daquele livro. “Os velhos bibliófilos lembram-se com saudade dos sebos de trinta ou quarenta anos atrás. Quando livro raro comprava-se no Rio a troco de reza!” (MORAES, 1975, p. 36).

Por fim, ao questionar Diatahy sobre seu ponto de vista acerca do livro hoje e a aquisição de obras raras através da internet, o professor nos enviou três artigos que escreveu sobre o assunto. Em um¹⁰ deles, Diatahy relata um caso que presenciou na UFC onde, em uma conferência com o escritor Ariano Suassuna, um estudante tomou a palavra e exclamou que em nosso tempo o livro está ultrapassado, “já era!”. Diatahy então escreve brevemente sobre a origem da imprensa e, conseqüente, da produção em massa de livros, bem como sua evolução e, ao mesmo tempo, permanente relevância para a humanidade. Ao fim de seu texto, escreve:

[...] em nossa época de avanço exponencial das tecnologias de

10 O professor enviou-me seus artigos via e-mail, entretanto consegui encontrá-los posteriormente na internet. Este artigo em particular está disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/ediatahy3.html>>. Acesso em: 27 de maio, 2018.

comunicação e informação, resumidas na presença avassaladora da Internet, surgem novos profetas anunciando a morte do Livro! Felizmente, o que se tem presenciado é o processo contrário: nunca se produziu tanto livro e jamais houve um acesso tão amplo a informações de toda ordem, contidas nas maiores bibliotecas e museus do mundo; jamais existiu uma livraria com um acervo de 3 milhões de livros como a 'Amazon.com', e criações generosas como a Biblioteca Virtual do Estudante produzida pela USP ou o Jornal de Poesia realizado por Soares Feitosa, que põem enorme volume de livros à disposição na Internet. Nossos velhos hábitos mentais não nos fazem capazes de vislumbrar sequer as mudanças que ainda virão nesse rumo sem limites. (DIATAHY, 2000, p. 3).

Observamos que o professor vê a internet não como uma ameaça, mas uma aliada na propagação de livros para diferentes locais do mundo, assim como propício ambiente para a disseminação de informações acerca dos livros – raros ou não.

Quanto a livros sobre a cidade de Fortaleza, Diatahy afirma possuir número considerável de obras a esse respeito. O professor afirma a relevância como parte da memória de Fortaleza:

Pelo volume de documentos que possuo a esse respeito, pelas discussões de que tenho participado, conferências proferidas sobre o tema, estudos e observações pessoais, é óbvio que realizei alguns registros nesse sentido. De certo modo, em virtude de minhas atividades de professor e pesquisador ao longo de tantos anos sou parte ainda que diminuta da história desta Cidade!

Não apenas como ávido leitor e dono de uma grande biblioteca particular, mas também por ser pesquisador e historiador, Diatahy realizou diversas pesquisas em Fortaleza ao longo de sua carreira acadêmica, além de ter publicado livros como os dois volumes de *O Pensamento Brasileiro de Clássicos Cearenses* (2005 e 2006). Sem dúvida, suas contribuições fazem parte da história e memória de Fortaleza.

4.3.2 O livreiro

Astolfo Lima, 69 anos, é livreiro desde 1968. Natural de Sobral, viveu em

diferentes cidades do Brasil devido ao seu ingresso na Marinha. Conforme explicado no início deste capítulo, sua vida de vendedor de livros começou com a venda de enciclopédias de porta em porta. Autodidata, Astolfo é também escritor, tendo dois títulos publicados atualmente. Sua estreia se deu com o livro *Mão de Martelo e Outros Contos*, publicado pela UFC em 1998. Em 2002, ganhou um prêmio da Fundação Biblioteca Nacional para escritores com obra em fase de conclusão, pelo seu livro de contos *A Grande Fábrica de Brinquedos*. Tem participação em coletâneas de autores cearenses como *Almanaque do conto cearense* (1997), *Antologia do Conto Nordestino* (2000) e da revista *Caos Portátil: um almanaque de contos* (2007). Seu livro mais recente, *Exuberante Pós-Nada* foi publicado em 2008, ganhador do IV Prêmio de Incentivo à Publicação e Divulgação de Obra Inédita da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (2007).

A venda de livros, entretanto, mostrou-se melhor opção para a subsistência de sua família, e esta tornou-se a profissão de fato de Astolfo. Após décadas de vendas feitas pessoalmente, indo à casa de clientes ou expondo seus livros em locais como a UFC, Astolfo, assim como tantos outros livreiros, passou a fazer de sua casa um acervo e da internet sua principal ferramenta de vendas, aumentando a clientela não apenas para os colecionadores de Fortaleza, mas também de outros estados. Esta mudança ocorreu devido às vantagens que o sebo virtual oferece, como as apontadas por Ribeiro (2011, p. 26):

A divulgação dos produtos é mais fácil, possibilitando, inclusive, o envio de mensagens para o consumidor a fim de informá-lo sobre algum livro de seu interesse; é possível visitar vários sebos virtuais para encontrar melhores preços e melhores condições de pagamento; os inúmeros sites disponíveis na rede aumentam a probabilidade de encontrar um livro que se deseja, assim como permitem a comparação das condições físicas das obras; os mecanismos de buscas facilitam e agilizam a pesquisa; a economia de tempo e a facilidade de pesquisa são, portanto, a principal vantagem dos sebos virtuais em comparação aos sebos físicos.

Seu sebo, cujo nome é *Ideias e Palavras*, foi cadastrado no site *Estante*

Virtual em 2009. Atualmente consta com mais de 400 livros cadastrados e todos eles encontram-se expostos em estantes em sua residência. Sobre os objetivos de seu sebo, Astolfo escreve:

Resgatar obras raras, antigas ou fora de catálogo. Todas as obras de nosso acervo possuem mais de meio século de existência. Algumas edições chegam a ter dois séculos. Os livros são bem cuidados, com encadernação de alta qualidade, feita por especialista, muitos dos quais preservando a capa original e demais detalhes que indiquem sua antiguidade. A depender da importância da obra e dificuldade do leitor encontrá-la em outro sebo, restauro páginas, lombadas e tudo mais que se faça necessário, contanto que o mantenha em plenas condições de ocupar a sua estante. Antes de enviar o livro pelos Correios, cuido de limpá-lo bem e protegê-lo sob plástico e papelão, para que não sofra ferimentos. Enquanto livreiro, tenho como objetivo resgatar obras que, por um motivo qualquer, perderam o seu tutor e ficaram desprezadas no mundo. E vibro quando encontro alguém que se dispõe assumi-la pelo resto da vida. Minhas descrições sobre o objeto-livro visam se aproximar ao máximo do estado real em que ele se encontra. Mas não me furtarei de complementar essas informações, caso sejam do interesse do cliente.¹¹

É possível observar o seu amor e zelo pelo livro e sua intenção que ele encontre um dono que também irá apreciá-lo por seu valor, conteúdo e aparência. Quando questionado sobre sua relação com o livro, Astolfo responde: *“De puro zelo pelo objeto livro e paixão pela obra de qualidade”*. Poderia ser Astolfo considerado um bibliófilo? No sentido mais simplório da palavra sim, uma vez que declara seu amor pelo livro e preocupa-se com seu destino. Entretanto, provavelmente por ser um vendedor, em vez de colecionador, também não se apropria desta palavra. Moraes (1975, p. 15-16) escreve sobre colecionadores e livreiros e se ambos se misturam, afirmando que os dois,

[...] são coisas diferentes. São raríssimos os exemplos de quem tenha misturado as duas coisas com sucesso. [...] O colecionador que deseja fazer negócio e labora nesse sentido acaba quase sempre se perdendo. O amor ao lucro é nefasto aos bibliófilos. O prazer de formar uma bela coleção é uma recompensa suficiente.

Astolfo afirma que antes da internet, guardava alguns livros que julgava serem

11 Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/ldeiasPalavras>>. Acesso em: 27 de maio, 2018.

essenciais para si, entretanto, hoje, todos os seus livros estão à venda: *“Minha filosofia agora é resgatar obras que foram desprezadas ou ficaram órfãs, e repassá-las a quem queira adotá-las”*. Astolfo também explica que não é bibliófilo, entretanto conheceu vários ao longo de sua profissão e com eles aprendeu muito sobre livros antigos e raros. Tais ensinamentos incluem a preservação do livro com suas características originais, o cuidado com os diferentes tipos de papel, a importância de primeiras edições, entre outros. Astolfo estima a apreciação que o bibliófilo tem sobre os mínimos detalhes de uma obra:

[...] tanto no seu conteúdo propriamente dito, como o ano da publicação, o eventual erro gráfico, a capa, um ex-libris, um oferecimento, o autógrafo do autor ou de um antigo dono, sendo ele uma pessoa importante; o valor histórico, o contexto em que a obra foi publicada. Nem todo livro antigo pode ser considerado raro ou de interesse para um bibliófilo. Um livro relativamente moderno pode ser considerado como obra rara, dependendo de uma série de fatores, como uma tiragem limitada, a relação desse livro com um fato histórico, a história que correu paralela à edição desse livro etc.

Para ele, o livro raro tem tanto significado quanto *“[...] obras de arte, como uma pintura famosa ou uma escultura”*. Ao responder a mesma pergunta feita a Diatahy sobre o significado dos livros em sua vida a resposta foi a mesma: *“tudo”*. Astolfo declara que *“não conseguiria viver sem a boa leitura”*. Ainda sobre a bibliofilia, acredita que:

[...] o bibliófilo é uma espécie de “voyeur literário”, um feticheista, porque ele também sente um enorme prazer em acariciar o objeto livro, admirar sua beleza estética, o pequeno detalhe que passa despercebido ao leigo, a forma como o livro fica posto na estante, a sua cor, o seu papel, a tinta... enfim. Há uma certa promiscuidade não degenerada entre o bibliófilo o livro, que não deixa de ser uma loucura mansa.

A utilização da palavra fetiche já foi relacionada com a bibliofilia, em particular na tese de Reifschneider (2011, p. 77), que explica que o termo significa “atribuição de características mágicas ao objeto, ou mesmo o desvio de energias sexuais para ele” e que esta atração que o objeto gera, assim como a carga simbólica que lhe é

atribuída apenas desenvolve-se conforme a exposição a este se prolonga – através da posse, da procura, do manuseio. Reifschneider (idem) completa que esta “atenção a características físicas, aspectos a princípio secundários, desimportantes, passa a ser o ponto fulcral na adoração daquele exemplar: a textura do papel, a costura dos cadernos, o cheiro da cola, a impressão do tipo, as técnicas da gravura”.

Quanto à aquisição de seus livros, Astolfo explica que antigamente comprava de famílias que estavam de mudança ou de “*viúvas que queriam se livrar daquilo que ocupava o maior tempo de seus respectivos ex-maridos*”, quando possível, enquanto que “*os cupins não chegavam antes*”. Hoje, sua aquisição se dá por meio da internet, em diferentes sites de venda de livros usados como a própria Estante Virtual e o sebo Traça. A chegada de livros ‘novos’ na casa por meio dos Correios é tão constante que muitas vezes é necessário que esteja sempre alguém em casa para recebê-los. Destas compras, entretanto, nem tudo é valioso ou vai para seu catálogo online:

Compro e vendo livros há muitos anos, porém nunca fui de acumulá-los. Porque de todos os livros que você compra, em lotes, apenas 10%, no máximo, são comercializáveis. O resto é aquilo que chamamos de buchas e que apenas ficarão ocupando espaço nas prateleiras por anos e anos. Preservo, no máximo, mil livros. Geralmente obras raras ou fora de catálogo, clássicas, de comprovada qualidade, que cedo ou tarde serão vendidas.

Sobre o uso da internet e seu impacto na bibliofilia e a venda de livros, Astolfo afirma que um não interfere no outro. Para ele, o livro de real qualidade apenas tende a se valorizar ao passar do tempo:

Todo leitor-bibliófilo poderá até ler muitas coisas através do computador, sem que isso interfira ou substitua sua paixão pelo livro de papel, pelo objeto, pela obra de arte. Ele jamais deixará de garimpar livros de papel, estejam onde estiverem.

Acredita que, com a internet, a perspectiva de venda de livros, em particular de vendedores autônomos, “*tende a melhorar muito*”, entretanto existem riscos.

Astolfo conta que a compra pela internet é um trabalho “*cansativo e arriscado*”, pois uma boa parte das vezes o vendedor não tem o cuidado de descrever corretamente o livro, às vezes por inexperiência, às vezes por desonestidade: “*Ele te oferece um livro como se fosse uma primeira edição, quando na verdade é apenas uma reimpressão sem nenhum valor*”. Sobre seus critérios de aquisição, Astolfo relata que a importância literária e histórica da obra são essenciais, bem como a data de sua edição. Não é necessário que seja sempre a primeira, pois procura buscar livros em até sua terceira edição. Sobre a importância de conhecer o contexto histórico dos livros que adquire, Astolfo concorda que isto é fundamental, uma vez que:

[...] uma obra não pode ser considerada rara ou importante apenas porque foi publicada no século 18 ou 19. Em alguns casos, um livro muito antigo e bem preservado, mas sem conteúdo relevante ou autor conhecido, seria apenas uma obra curiosa. Nada há para se falar sobre ele, que não seja o fato de ter se mantido íntegro por tanto tempo.

Seu processo de busca de informações sobre as obras que adquire ocorre via internet, onde são acessados sites brasileiros, mas também, em sua maioria, sites estrangeiros sobre livros. São pesquisadas informações como autores, edição e o conteúdo do livro. Astolfo conta que procura por livros sobre o Ceará e Fortaleza, entretanto estes são os que são vendidos mais rapidamente, tanto por seu sebo quanto pessoalmente, vendendo-os para bibliófilos ou colecionadores de Fortaleza. Afirma que a busca por obras raras na cidade é difícil pois os livros raros daqui “*estão em mãos de bibliófilos, no Instituto do Ceará ou na Academias Cearense de Letras*”, de forma que as suas obras são adquiridas pela internet:

*[...] geralmente vendo logo todas que consigo. Possuía mais de 80 livros de Gustavo Barroso, alguns dos quais sobre o Ceará, e vendi todos a um amigo. Para conhecer bem a Fortaleza do final do século 19 e começo do 20, é fundamental ler alguns livros de Gustavo Barroso, a exemplo de suas memórias: *Coração de Menino, Liceu do Ceará e Consulado da China*.*

Comparando as vendas atualmente em relação ao início de sua vida de

livreiro, afirma que houve uma mudança significativa: *“Antigamente, cada cliente meu era um amigo. Muito mais que o simples ato de vender um livro, havia o prazer de conversar sobre a obra. Hoje, não. Virou uma coisa puramente mercantilista”*. Possivelmente pelas vendas serem feitas quase que estritamente pela internet, entretanto ainda há o contato com alguns clientes, como o sr. Cid Carvalho conforme citado anteriormente.

Quando questionado sobre a disseminação da cultura, tanto de Fortaleza quanto em geral, Astolfo expressa que, a seu ver, em Fortaleza *“nenhum dono de sebo esteja preocupado em difundir cultura”*. Indo de acordo com as palavras de Moraes que afirma que o maior objetivo do livreiro é o lucro, Astolfo acredita que poucos dos livreiros da cidade sabem o real valor de um livro que não seja pelo lado estritamente comercial:

É comum um dono de sebo comprar um lote com, digamos, mil livros, sem saber que ali pode haver várias obras raras. Ou seja: ele fará a seleção pelos títulos que estão na moda, refugando os muito antigos e que são, na verdade, os de maior valor. No meu caso, tenho uma clientela muito restrita, geralmente de bibliófilos, que sabem o que estão comprando.

Para o livreiro, o livro como objeto torna-se importante culturalmente, em particular para a memória de um local, apenas *“quando o colecionador dedica boa parte de seu acervo aos autores da terra, aos livros mais importantes de determinados períodos, como os movimentos literários, os fatos históricos, a relevância do autor etc”*. Astolfo afirma ter conhecido bibliófilos cujas bibliotecas formavam-se apenas de livros do Ceará e de Fortaleza. Sobre um deles, já falecido, conta que:

[...] reuniu um acervo muito importante para preservação da nossa história porque se fixou em determinados autores e conseguiu reunir toda a obra de cada um deles, a exemplo de Rodolfo Teófilo, Gustavo Barroso, Antonio Sales e outros. Ou seja: ele possuía os livros do período mais criativo da nossa literatura, sobretudo os editados aqui em Fortaleza pelos componentes da Padaria Espiritual e outros movimentos do final do século XIX.

De outros colecionadores que conheceu, cita também o escritor e bibliófilo Eduardo Campos, tomando-o como figura de “*grande importância para nossa memória*”, pois através de suas pesquisas, lendo livros escritos sobre Fortaleza em diferentes épocas, bem como estudando os movimentos literários da cidade, pode escrever novos livros que “*resgatam fatos históricos que já estavam no esquecimento*”. A fala de Astolfo me faz recordar uma conversa informal que tive com a bibliotecária do Instituto Histórico do Ceará durante visita realizada para pesquisa deste trabalho.

A bibliotecária contou que apesar de o Instituto não possuir um acervo de obras raras especificamente sobre Fortaleza (seu acervo possui foco no Ceará, afinal), possuem obras raras de autores cearenses e que a maior parte de seu público não é de estudantes e pesquisadores, como é o caso de sua hemeroteca, mas sim de escritores de Fortaleza e de outros estados que estão a procura de uma edição específica. A bibliotecária também relatou que, muitas vezes, são livros que podem ser encontrados facilmente, como, por exemplo, obras de José de Alencar. Entretanto o que os escritores buscam são as particularidades da edição – encadernação, alguma dedicatória deixada por um dono ilustre, anotações nas margens etc.

4.3.3 O colecionador

O último sujeito desta pesquisa é o historiador e personalidade de destaque para a história de Fortaleza, Nirez. Apesar de não ter respondido a um questionário necessariamente, conforme explicado no início do capítulo, tivemos uma entrevista interessante que acreditei ser útil para esta pesquisa. Entretanto, primeiramente algumas informações sobre o colecionador. Nascido Miguel Ângelo de Azevedo, Nirez, como é conhecido, é jornalista, historiador, memorialista e colecionador.

Coleciona discos desde os anos 50, possuindo hoje uma das mais importantes discotecas especializadas do Brasil. Seu acervo também consta de grande número de fotografias que contam a história de Fortaleza. Inaugurou em 1966 o Museu Fonográfico do Ceará que, atualmente, é conhecido como Museu Cearense de Comunicação. Dentre suas premiações, recebeu a Medalha do Mérito Cultural da Fundação Joaquim Nabuco de Recife em 1982, o Prêmio Almirante por sua obra Discografia Brasileira, também em 1982 e o Prêmio Sereia de Ouro, em 1994 (TRIBUNA DO CEARÁ, 2017)¹²

Seu grande arquivo em Fortaleza localiza-se na rua Professor João Bosco, 560, no bairro Rodolfo Teófilo. Possui rico acervo bibliográfico, arquivístico e museológico dos quais incluem livros, fotos, negativos, equipamentos antigos de reprodução de som, discos de cera, entre outros. Nirez é também autor de livros como *Fortaleza de Ontem e de Hoje* (1991) e *Cronologia Ilustrada de Fortaleza* (2001), livros que trazem a história da cidade através de fotografias.

Conforme explicado anteriormente, nossa conversa ocorreu a partir da busca de indicações de nomes de bibliófilos de Fortaleza para entrevistar. Por ter conhecimento de seu acervo, não pessoalmente, mas por nome, acreditava que Nirez estaria mais para colecionador e historiador do que para bibliófilo. Entretanto, enviei-lhe um e-mail perguntando se considerava-se um bibliófilo e se estaria disposto a responder algumas perguntas para minha pesquisa. Rapidamente recebi seu e-mail automático sinalizando que havia recebido a mensagem e que em breve entraria em contato comigo, o qual achei de gentil consideração. E, de fato isso, aconteceu: ao fim do dia já tinha a resposta de Nirez na minha caixa de entrada. Entretanto, sua resposta era a que imaginava: por não se considerar um bibliófilo, Nirez não acreditava que poderia ser de utilidade para minha pesquisa e

¹² Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/blogs/investe-ce/2017/01/31/exposicao-arquivo-nirez-reune-acervo-historico-sobre-fortaleza-na-caixa-cultural/>>. Acesso em: 27 de maio, 2018.

recomendou-me José Augusto Bezerra. Por um momento pensei que nossa correspondência terminaria ali, entretanto, após ler as respostas do prof. Diatahy, comecei a refletir sobre as conotações pejorativas da palavra bibliófilo.

Resolvi, então, enviar um segundo e-mail à Nirez, perguntando-lhe qual a sua concepção pessoal de bibliófilo, explicando-lhe que era a segunda pessoa cujo nome me haviam passado quando questionei sobre bibliófilos de Fortaleza que não se considerava um e que gostaria de ouvir sua opinião sobre o assunto. Nirez respondeu-me, mais uma vez, com rapidez (após seu usual e-mail automático), gentilmente enviando-me uma definição de dicionário da palavra bibliófilo. Explicou-me, então, que – da mesma forma que o prof. Diatahy e, suspeito, outros amantes do livro – não se considera um bibliófilo pois o que lhe interessa em um livro são as informações nele contida. Para Nirez *“tanto faz que seja primeira edição como décima ou até uma cópia xerox, o que me interessa é a informação contida nela”*. É difícil separar a raridade do bibliófilo, ambos se misturam. Continua Nirez:

Existem bibliófilos que como o José Augusto Bezerra que une as duas coisas; se ele possui uma primeira edição de determinado livro e você pergunta algo sobre o assunto ventilado no mesmo ele saberá dizer, comentar, analisar, criticar, porque ele também é um leitor e é um intelectual.

Entendendo seu ponto de vista e apreciando-o, enviei-lhe um último e-mail em que perguntei-lhe se como museólogo e historiador acreditava que o livro – não apenas por seu conteúdo, mas também como objeto – teria importância na memória de um local, como, por exemplo, uma cidade. Que, de acordo com meu entendimento até o momento, a memória de uma cidade – aqui falando em particular da de Fortaleza posto que é a cidade escolhida como delimitação desde trabalho – se dá muitas vezes pelo visual, pelo tangível, como a fotografia. Talvez por seu conteúdo histórico ser mais visível ao observador. Uma imagem em preto e branco da Av. 13 de Maio, na década de 1960, talvez tenha um significado mais imediato do

que um livro que foi escrito em Fortaleza na mesma época.

Sobre tais questionamentos, Nirez respondeu que, por exemplo, a encadernação de um livro pode refletir a data do seu trabalho ao invés da data de sua escrita, exemplificando que um livro pode ser de 1872, entretanto a sua encadernação é de 1878. Assim, o livro de maior valor é aquele cuja encadernação se aproxime mais da data de edição e, para tanto, existem particularidades que, estudadas por amantes de livros e historiadores, revelem a época da encadernação. Outros aspectos como uma dedicatória também aumentam o valor do livro – se for uma dedicatória do autor, uma dedicatória de alguma figura ilustre, enfim, os critérios que foram comentados nesta pesquisa, anteriormente. Todos estes critérios e características, entretanto, para Nirez não possuem relação com a memória em si:

Para mim a preservação da memória está na representação do dia-a-dia em várias épocas, como um exemplar de uma revista que marcou época, como “O Cruzeiro”, “O Malho”, “Album Imperial”, “Kosmos”, “Suplemento Juvenil”, “Mirim”, “Gibi”, “O Globo Juvenil”, “Correio Universal”, etc., ou figurinhas de artistas, de cigarros, de sabonetes, de balas, baralhos de jogos educativos, coleções famosas com “Terramarear”, catálogos diversos, fotografias de cidades, rurais, plantas, mapas, aerofotogrametrias, plantas baixas de edifícios, maquetes, planos para construção de obras, etc.

Além desses itens, Nirez cita a arquitetura como documento de épocas, as diferentes construções da *belle époque*, *art-deco*, entre outras. Até documentos que apresentam a maneira de um povo falar e escrever. Nirez comenta que vive na mesma cidade, entretanto a língua hoje falada é bastante diferente da que era falada em sua mocidade. Estas diferentes particularidades de um povo e de uma época lhe são de maior valor. “*Se o bibliófilo não ler os livros que tem, para a preservação da memória de nada valerá sua coleção*”, explica.

Nirez finaliza seu relato citando uma história que seu pai contava:

[...] um bibliófilo que possuía um exemplar único e raríssimo de um livro inglês e um dia ele soube da existência de um outro exemplar em Londres na mão de um outro colecionador. Ele viajou a Londres, levando milhares de cédulas de Libra, procurou o dono do livro e lhe propôs compra. Pagou um valor altíssimo e de repente, em frente a uma lareira, lançou o livro que

queimou até a última página e pôde dizer satisfeito: “Agora tenho o único exemplar”. Isso é preservação?

Decerto, as más conotações da palavra bibliofilia são, talvez, tão antigas quanto a sua concepção. A seguir trataremos sobre a relação bibliofilia e a preservação da memória da cidade de Fortaleza.

4.4 A bibliofilia e a memória de Fortaleza

Durante a escrita do projeto desta pesquisa conheci a Associação Brasileira de Bibliófilos, já comentada, que possui sede em Fortaleza. Um dos objetivos originais era, então, obter mais informações sobre a mesma. Durante minhas pesquisas, tive conhecimento de sua revista *Scriptorium*, publicação oficial da ABBi. Esta revista que, em alguns de seus volumes, é bilíngue (português e inglês) possui apenas uma edição disponível na internet, a sua terceira. Entretanto, assim como a ABBi, ela também não tem página na *web* e a busca por seu ISSN traz poucos resultados úteis.

A leitura de artigos publicados nos jornais mencionados anteriormente (seção 4.2) nos permitiu inferir que a revista lançou outros volumes, entretanto eles não estavam disponibilizados *online*. Em reportagem publicada em 2009 no Caderno 3 do Diário do Nordeste, intitulada simplesmente de “Amor aos livros”¹³ é divulgado o primeiro volume da revista. Nele, algumas informações interessantes são compartilhadas, como o fato da revista ter sua estreia quando a ABBi completara 25 anos e que no momento a Associação teria cerca de 120 membros, sendo “a mais antiga entidade do gênero em atividade no país” (DIÁRIO DO NORDESTE, 2009).

José Augusto Bezerra, presidente da ABBi, conta ao referido jornal que, devido ao crescimento da Associação, tornando-se uma instituição de nível

13 Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/amor-aos-livros-1.333324>>. Acesso em: 30 de maio, 2018.

internacional, fez-se necessário um veículo de comunicação que pudesse atender às necessidades dos membros. Assim, a revista é voltada a questões do livro, conservação, história e informações sobre obras importantes. Lúcio Alcântara, seu editor, completa que a revista é um espaço para divulgar a bibliofilia, possivelmente vindo a “despertar o amor ao livro, o colecionismo, a formação de bibliotecas e de leitores” (DIÁRIO DO NORDESTE, 2009). Em nenhum momento, entretanto, a reportagem divulga como adquirir a revista.

Em outra reportagem, publicada em 2017 também no Diário do Nordeste e intitulada “Celebrar o amor aos livros”¹⁴ há uma divulgação de seu sexto volume. É uma matéria completa, descrevendo os artigos disponíveis nesse número da revista, bem como suas ilustrações e diferentes colaboradores. A reportagem novamente aponta que a revista tem “como principal missão difundir o amor pelos livros”. Mas porque essas informações que possuem tanta relevância para amantes de livros encontram-se tão escondidas?

Durante visita à biblioteca da ACL foi possível ler três outros volumes da revista – volumes 1, 2 e 6 – os quais serão melhor discutidos nesta seção. É uma pena que a revista tenha tão limitado acesso, pois a leitura de alguns de seus volumes mostrou-me um pedaço da história de Fortaleza e de seus bibliófilos que não poderia ter conhecimento de outra forma.

Os artigos nela publicados são escritos por membros da Associação, assim como colaboradores de outros estados como o próprio Reifschneider e até de outros países, como o bibliófilo Holger Naujoks, que escreve um dos textos presentes na terceira edição disponível *online*, e apresentam conteúdo dedicado a qualquer amante dos livros – quer que ele adote a rotulação de bibliófilo ou não. Não apenas um amante do livro, mas também um interessado pela literatura e história de Fortaleza e do Ceará, pois muitos dos textos escritos pelos bibliófilos contam sobre

14 Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/celebrar-o-amor-aos-livros-1.1682081>>. Acesso em: 30 de maio, 2018.

sua história, memórias e apresentam poemas e resenhas de livros.

A revista, entretanto, é orgulho de seus colaboradores, em particular um orgulho cearense. Conforme destaca Lúcio Alcântara (2009, p. 9), no texto introdutório de seu primeiro volume:

A ousadia cearense fundou a mais antiga Academia de Letras do Brasil, criou a primeira Secretaria de Estado da Cultura e, anos mais tarde, uma Associação de Bibliófilos com abrangência nacional. Tudo isso na província, distante dos dois grandes centros culturais do país, Rio de Janeiro e São Paulo. Não bastassem essas demonstrações de atrevimento cultural, é lançada agora, na taba de Iracema, 'Scriptorium', revista consagrada à bibliofilia.

A deferência a ousadia do Ceará e, diríamos, a cidade de Fortaleza, que sedia as instituições mencionadas, nos faz recordar a fala do professor Diatahy, quando mencionou a Fortaleza antiga e sua imponente dedicação às artes literárias. Por outra via, trazendo o breve histórico do termo bibliófilo e de sociedades de bibliófilos de outros países, Alcântara (2009, p. 10) busca diferenciar o bibliófilo do bibliomaníaco, apontando que “o verdadeiro bibliófilo é antes de mais nada um leitor contumaz” e que indivíduos que interessam apenas em adquirir mais livros não são verdadeiros bibliófilos: “o colecionismo estéril, individualista, é apenas um ativo atraente e um símbolo de prestígio social, despojado da chama que anima a bibliofilia autêntica: o espírito de leitor”. Alcântara espera que com a ABBi e com a criação da *Scriptorium* seja iniciada “nova bibliofilia” onde é a paixão pelos livros e pela leitura que une a todos, não ricas coleções e obras raras. Alcântara ainda reforça que “o ingresso dos sócios exige um único requisito: amor aos livros, significado literal de bibliofilia”.

É interessante ler essas palavras, especialmente após as conversas relatadas na seção anterior, quando ainda se propaga a ideia da antiga bibliofilia, a bibliomania, a bibliofilia de sujeitos que se interessam apenas em possuir o livro mais raro e de ser o único no mundo a tê-lo em sua coleção. Possivelmente, tais

fatos não caibam no projeto inicial desta pesquisa, entretanto, ler essas revistas na bela biblioteca da Academia Cearense de Letras, enquanto a bibliotecária conversava com meu padraсто sobre literatura cearense e os interiores do Estado, fez-me indagar porquê esse conteúdo não possui maior divulgação, em especial quando seus colaboradores parecem ter tanta paixão e conhecimento sobre o assunto. É compreensível quanto à sua impressão. Alcântara, em suas notas introdutórias, costuma relatar as dificuldades em publicar a revista anualmente, como, por exemplo, em seu terceiro volume:

Com indesejável atraso surge o terceiro número de “Scriptorium.” Ainda não foi desta vez que as dificuldades nos venceram. A receptividade alcançada pela revista estimula o esforço necessário à sua continuidade. Esperamos não venha a perecer diante dos óbices a enfrentar a cada edição. (ALCÂNTARA, 2011, p. 9)¹⁵.

Dos volumes que pude ler, havia artigos como o “*Como aprendi a gostar de livros*” de João Soares Neto, no primeiro volume da revista (figura 7), onde o autor, presidente da ACL na época conta suas memórias com os livros, desde a infância até tempo mais presente. Ao contar sua história, expressa que não se considerava um bibliófilo, entretanto pelo significado mais simples da palavra de amante de livros, acredita que poderia ser um. Em seu artigo, Soares Neto também fala da cidade de Fortaleza de sua infância, de sua escola e estudos e da importância do livro através de tudo. Vejamos a seguir a figura 6:

15

Disponível em: <<http://escritorioarte.com/wp-content/uploads/2015/10/Scriptorium3.pdf>>. Acesso em: 26 de maio, 2018.

FIGURA 6 – Primeiro volume da revista Scriptorium.



Fonte: tirada pela autora.

Outro texto bastante informativo que pude tivemos acesso foi o “*A impressão régia no Brasil e no Ceará*” de José Augusto Bezerra, em que o autor se utiliza de livros de sua própria biblioteca particular para fazer um levantamento da imprensa no Brasil e no Ceará, como exemplificado na figura 7 a seguir. O texto trata da imprensa nas Américas, algumas tipografias brasileiras antes da oficial Imprensa Régia, da chegada da corte portuguesa ao Brasil e conseqüente formação da Imprensa Régia e da Impressão Régia no Ceará.

encontrar informações sobre a imprensa cearense durante a escrita do capítulo 3 deste trabalho, não tendo acesso a grandes livros sobre a história da imprensa e tendo como maior fonte de informações o paulista Rubens Borba de Moraes. Para mim, é de maior interesse ler sobre a história do Estado por um cearense – e um cearense que não apenas pesquisou seu conteúdo, como possui as obras das quais está escrevendo sobre.

Outros textos lidos incluem "*Ex-Líbris, a marca de propriedade do livro*" de José Augusto Bezerra, onde novamente são inclusas diferentes imagens de *ex libris* brasileiros e do Ceará da coleção do autor; "*Bibliofilia e colecionismo: uma breve reflexão*" de Reifschneider; e "*A morte do livro na era virtual?*" de Eduardo Diatahy.

Foi lançado, o seu sétimo volume, o qual me foi disponibilizado escaneado via e-mail pela bibliotecária. Essa edição inicia com a costumeira introdução de Alcântara, entretanto, esta é um pouco mais apocalíptica e esperançosa:

Foi Coelho Neto, salvo engano, que ao comentar a vida efêmera das revistas brasileiras vaticinou o número sete como marco fatal de suas existências. A partir daí, dizia ele, costumavam deixar de circular. Atendida a sétima edição nosso desafio agora será desmentir a profecia cabalística do vate maranhense animados pela robustez editorial da publicação. (ALCÂNTARA, 2018, p. 7).

Alcântara apresenta José de Alencar como "figura estelar" do periódico, uma vez que sua obra é abordada por três aspectos por três diferentes bibliófilos. Conta também com textos sobre outros artistas cearenses e manuscritos inéditos. Novamente a revista, apesar de curta e de dificuldade de impressão, posto que conta com patrocinadores, mostra-se rica de conteúdo e de relevância para qualquer interessado por livros e sua história. Como explica Alcântara (no prefácio intitulado "Scriptorium tarda, mas não falha": "Sobreviver é muito, mas não basta. Scriptorium tem a pretensão de viver, dinâmica, original, percuciente, instigadora".

Talvez, nem todo bibliófilo possua o amor à história de seus livros, dos antigos donos, do tempo histórico em que se insere e de seu contexto, como Umberto Eco,

Rubens Borba de Moraes ou José Mindlin. Provavelmente, nem todos possuem o tempo ou a necessidade de estudar sobre cada detalhe que torna aquele livro importante ou relevante para a história e memória de um povo, época ou cidade. Entretanto, observa-se que ainda existem bibliófilos que procuram compartilhar seus conhecimentos, abrir as portas de suas coleções e utilizá-las como ilustração para a história cearense, tal qual as fotografias da Fortaleza Antiga de Nirez. A “nova bibliofilia” de Alcântara talvez se limite aos 120 membros da Associação de que é membro, por enquanto, mas tem potencial para crescer, uma vez que seus membros busquem estender seus conhecimentos para além dos participantes de seus eventos, homenagens e conferências, para além dos membros associados e familiares que recebem o volume de sua revista anualmente. Que possam estender-se para os bibliófilos em seu sentido mais genuíno: os amantes do livro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a concepção inicial e estudo, buscava pesquisar as memórias de bibliófilos fortalezenses, ouvir suas histórias, suas lembranças da cidade e de aquisições de suas obras mais estimadas. Ao longo da execução de fato da pesquisa, esta idealização primeira foi cada vez mais se modificando. Estudados os conceitos de bibliofilia, memória e cidade, buscamos relacioná-los e identificar suas inter-relações. Observamos que a bibliofilia e a memória possuem relação bastante próxima, uma vez que os bibliófilos, em sua maior parte, buscam para sua coleção livros de valor histórico e que carregam em si parte da história e memória de uma época. Ainda, os livros de bibliófilos, muitas vezes, são comprados em sebos ou antiquários e costumam pertencer a outras pessoas, outras famílias, pessoas que deixam suas marcas nos livros: seja no simples ato de lê-los repetidamente ou em anotações e marcas pessoais deixadas em suas páginas.

Buscamos, ainda, com este trabalho, pesquisar organizações de bibliófilos em Fortaleza, dos quais conseguimos encontrar a Associação Brasileira de Bibliófilos, a primeira no Brasil desta natureza. Apesar de não possuir documentos disponíveis para consulta – além de sua revista –, bem como sede exclusiva – já que está sediada na Academia Cearense de Letras – foi possível compilar número significativo de informações através do garimpo de artigos de jornais, blogs e conversa informal com a bibliotecária da ACL.

Como não foi possível contato com maior número de bibliófilos, o mapeamento da comunidade de bibliófilos não pode ser realizado em sua totalidade, bem como a identificação de perfis. Dos entrevistados, dois possuíam formação superior e idade avançada – acima de 80 anos. Em sua maior parte, a comunidade de bibliófilos aparenta ter maior idade, entretanto Lúcio Alcântara comenta em suas introduções da revista *Scriptorium* que a idade de seus membros varia, tendo bibliófilos jovens, assim como bibliófilos de maior experiência.

Identificamos que o bibliófilo possui relação com a memória de Fortaleza nos sentidos de: 1) guardião de seus livros – livros que são mantidos em sua casa como no caso do professor Diatahy, ou livros que foram doados e formaram importantes coleções, como as do Barão de Studart, no Instituto Histórico; 2)

estudioso da história e conteúdo de seus livros, como por exemplo José Augusto Bezerra e sua vasta coleção de livros sobre a história do Ceará e de Fortaleza; e 3) através de publicações realizadas pelos bibliófilos, compilando conhecimentos sobre a história de seus livros e é compartilhando-os com a sociedade, mesmo que às vezes tais publicações atinjam apenas seletos número de pessoas.

Embora não tenha a pretensão de esgotar sobre esta temática, acredito que o presente trabalho possa contribuir para a expansão do estudo da bibliofilia no Ceará e, mais especificamente, envolvendo a preservação da memória da cidade de Fortaleza. Espero, também, que esta pesquisa inspire um debate em relação a divulgação de informações produzidas por esses personagens que perfilarão a pesquisa em referência, uma vez que, como visto no capítulo quatro deste estudo, possuem pesquisas, histórias e memórias de importante valor para compartilhar com amantes de livros de todos os perfis, interesses e caminhadas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras - Geografia**, Porto, v. 14, p. 77-97, 1998.

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: INCM, 2003.

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BASBANES, Nicholas A. **A gentle madness: bibliophiles, bibliomanes, and the eternal passion for books**. Nova Iorque: H. Holt and Co., 1995.

BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Arquivo de si e do Ceará: a coleção e a escrita de Guilherme Studart (1892-1938)**. 2014. 277f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza (CE), 2014.

BEZERRA, José Augusto. **Ex-líbris: a marca de propriedade do livro**. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, v. 1, n. 119, 2006. Disponível em: <<https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAnoHTML/2006Indice.html>>. Acesso em: 18 de mar. 2018.

_____. A Impressão Régia no Brasil e no Ceará. **SCRIPTORIUM**. Fortaleza: Associação Brasileira de Bibliófilos, v. 1, fev. 2009.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de Obras Raras. Planor. **Critérios de raridade [e] Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional - CPBN: séculos XV e XVI**. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. Disponível em: <<http://planorweb.bn.br>>. Acesso em: 18 de mar. 2018.

BOSI, Ecléa. **Lembranças de velhos**. São Paulo: Edusp, 1979.

_____. Memória da cidade: lembranças paulistanas. **Estud. av.**, São Paulo, v. 17, n. 47, p. 198-211, abr. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 jun. 2018.

BRITO, Luciana. A contribuição da imprensa literária fortalezense para a história da literatura cearense. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v.7, n.2, p. 109-126, dez. 2011.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. 1893. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/normalista.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

CASSARES, Norma Cianflone. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2000. 36p.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DE BURY, Richard. **The Philobiblion**. Translated by Ernest Chester Thomas. London: De La More Press, 1903. 186 p.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Celebrar o amor aos livros**. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/celebrar-o-amor-aos-livros-1.1682081>>. Acesso em: 30 de maio, 2018.

_____. **Amor aos livros**. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/amor-aos-livros-1.333324>>. Acesso em: 30 de maio, 2018.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

ESTANTE VIRTUAL. **Sebo Ideias e Palavras**. Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/ldeiasPalavras>>. Acesso em: 27 de maio, 2018.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de Obras Raras. Planor. **Critérios de raridade [e] Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional - CPBN**: séculos XV e XVI. Rio de Janeiro: FBN, [2000].

GARCIA, Rodrigo M.; LOPEZ, Jeanne B.; KANO, Eliane. **Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin na USP**: Reflexões para o estabelecimento de uma política de desenvolvimento de coleções. In: ENCONTRO NACIONAL DE ACERVO RARO, 12., 2016, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ed. Objetiva, 2001.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (Minas Gerais). **Nirez – Apresentação**. [20--]. Disponível em: <<https://ims.com.br/titular-colecao/nirez/>>. Acesso em: 25 maio 2018.

JACOB, Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p. 9.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Rafaela Gomes. **Os tipos em Fortaleza: uma pequena história da impressão cearense no século XX**. In: ENCONTRO DE PESQUISAS HISTÓRICAS, 1., 2014, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: PUCRS, 2014.

MARCO, Valeria De. O romance histórico de José de Alencar. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 29, n.1, p. 106-113, 2009.

MARTINS Filho, Plínio. **Ex-libris**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. 188p.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros: reencontros com o tempo**. São Paulo: EDUSP; Companhia das Letras, 1998. 232p.

MOARES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

NASCIMENTO, Maria Anezilany Gomes do; SILVA, Cícero Nilton Moreira da. **Entre a memória e a reterritorialização: impactos socioespaciais da construção de barragens**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 14., 2011, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPUR, 2011.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n. 10, p. 21, dez. 1993.

PAIVA, Manuel de Oliveira. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da cidade**: visões literárias do urbano; Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

PINHEIRO, Ana Virginia. Livro Raro: antecedentes, propósitos e definições. In: SILVA, Helen C.; BARROS, Maria Helena T. C. de (Org.). **Ciência da Informação**: múltiplos diálogos. Marília: Oficina Universitária Unesp, p. 31-44. 2009.

REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. **A bibliofilia no Brasil**. 2011. 303 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. **Como definir e identificar obras raras?** Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. Ci. Inf., Brasília, v. 35, n. 1, p. 115-121, jan./abr. 2006.

SCRIPTORIUM. Fortaleza: Associação Brasileira de Bibliófilos, v. 2, fev. 2010.

_____. Fortaleza: Associação Brasileira de Bibliófilos, v. 3, fev. 2011.

_____. Fortaleza: Associação Brasileira de Bibliófilos, v. 6, fev. 2016.

_____. Fortaleza: Associação Brasileira de Bibliófilos, v. 7, fev. 2018.

SALINAS, Carlos Enrique Tupiño. **Desenvolvimento sustentável no município de Nova Jaguaribara**: uma proposta de avaliação ex-post segundo os efeitos da construção do Complexo Padre Cícero-Castanhão. 2014. 189 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2014.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005.

TRIBUNA DO CEARÁ. Exposição Arquivo Nirez reúne acervo histórico sobre Fortaleza na caixa cultural. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/blogs/investe-ce/2017/01/31/exposicao-arquivo-nirez-reune-acervo-historico-sobre-fortaleza-na-caixa-cultural/>>. Acesso em: 27 de maio, 2018.

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA. **Biblioteca de Acervos Especiais**: Setor de conservação e restauro. Disponível em: <<https://www.unifor.br/biblioteca-acervos-especiais>>. Acesso em: 17 de mar. 2018.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Guita e José Mindlin, 1989**. [20--]. Acervo Digital da USP. Disponível em: <<http://200.144.182.66/acervo/items/show/246>>. Acesso em: 26 maio 2018.

VERDES MARES. **Bibliófilo José Augusto Bezerra**. Disponível em: <<http://hotsite.verdesmares.com.br/sereiadeouro/homenageados-anteriores/bibliofilo-jose-augusto-bezerra/>>. Acesso em: 26 de maio, 2018.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Questionário

Prezado,

Estamos realizando uma pesquisa de conclusão do curso de Biblioteconomia que visa analisar as relações do bibliófilo com a memória da cidade de Fortaleza. Para tanto, pedimos a sua colaboração ao responder às questões a seguir. As informações colhidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos. Agradeço desde já a atenção!

PERFIL

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Atividade profissional:

1 - BIBLIOFILIA

1. 1 - Como o sr. conheceu a bibliofilia?
- 1.2 - Os livros do sr. possuem alguma marcação, como um ex libris?
- 1.3 – O sr. tem contato com outros bibliófilos? De que maneira?
- 1.4 – O sr. compartilha da definição de Mindlin da bibliofilia como uma “loucura mansa”?
- 1.5 - Como o sr. vê o futuro da bibliofilia em relação às tecnologias?

2 - LIVROS

- 2.1 - O que os livros e a leitura significam para o sr.?
- 2.2 - Como é a sua relação com os livros?
- 2.3 - Como começou a sua biblioteca?
- 2.4 - Para o sr. o que é um livro raro?
- 2.5 - Para o sr. qual a importância de livros antigos, raros?
- 2.6 - Qual o primeiro livro raro que o sr. adquiriu? Ainda o possui?
- 2.7 - Para o sr. como é adquirir livros raros hoje em relação a quando o sr. começou a sua coleção?
- 2.8 – O sr. possui alguma outra coleção sem ser de livros (ex. gravuras, vídeo, fotografias)?
- 2.9 – O sr. possui alguma coleção temática? Como surgiu este tema?
- 2.10 - Como o sr. realiza a aquisição de seus livros?
- 2.11 - Quais os critérios do sr. ao adquirir um livro para sua coleção?
- 2.12 – O sr. procura conhecer o contexto histórico das obras que adquire?
- 2.13 - Qual a sua aquisição mais recente?
- 2.14 - Quais os cuidados que o sr. toma para conservar a sua coleção?
- 2.15 – O sr. frequenta sebos?
- 2.16 – O sr. já realizou doações a arquivos/bibliotecas públicas?

3 - FORTALEZA

3.1 - O sr. possui obras sobre Fortaleza?

3.2 – O sr. já realizou descobertas acerca da história de Fortaleza por meio de alguma obra em sua coleção?

APÊNDICE B –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado por **Hanna Sandy de Oliveira**, discente do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará para participar da pesquisa intitulada **“O BIBLIÓFILO E A CIDADE: RELAÇÕES ENTRE A BIBLIOFILIA E A MEMÓRIA DE FORTALEZA”**. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar as relações entre a bibliofilia e a memória de Fortaleza. Sua participação nesta pesquisa é muito importante, pois trará informações que muito contribuirão para conhecimento do cenário da bibliofilia na cidade, além de possivelmente trazer um maior foco a este tema, possibilitando novas pesquisas com diferentes olhares. Os dados coletados, incluindo o perfil dos participantes, serão utilizados somente para essa pesquisa a fim de alcançar os objetivos propostos. A pesquisa será realizada via e-mail, onde o participante responderá a um questionário.

A qualquer momento o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa e que também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo, assim como também ter acesso a informações referentes à pesquisa, pelos telefones da pesquisadora. Caso concorde em participar da pesquisa, favor assinar ao final desse documento.

Endereço d(os, as) responsável(is) pela pesquisa:

Nome: Hanna Sandy de Oliveira

Instituição: Universidade Federal do Ceará/Curso de Biblioteconomia

Telefone para contato: (85) 988574469

E-mail: hannaydnas@gmail.com

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8346/44. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____, ____ anos, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo e que minha participação é de caráter voluntário, não havendo remuneração.

Fortaleza, ____ / ____ / ____

Nome do participante da pesquisa	Data	Assinatura
----------------------------------	------	------------

Nome do pesquisador principal	Data	Assinatura
-------------------------------	------	------------
